novas da galiza

número 163
Janeiro 2018
3 euros

acontece
Demanda contra o diretor geral da CRTVG 6

os pés na terra
Luitas contra o uso do glifosato 12

a terra treme
Sociolinguística e movimentos sociais 18

sabela iglesias

8-11

Política de lume

A Junta continua a converter o monte numha macroexploraçom de pinheiro e eucalipto. Para além disso, a fragmentaçom dos serviços contra incêndios florestais e as irregularidades nas contrataçons de helicópteros som mostras dumha falta de planificaçom para combater os lumes e gerir o monte.

ECONOMIA / 20

Assalto à gestom dos serviços públicos

Perante a entrada das empresas na gestom dos serviços públicos apela-se à remunicipalizaçom. Mas quais métodos utilizam os 'lobbies' empresariais para fazer-se com o público? Quais vínculos estebelecem com a Administraçom? Por que se fala dumha gestom pública de serviços como a da água e nom dos cuidados? Sem existir respostas únicas, o interesse polo bem comum aparece no fundo de todo debate sobre gestom pública.

CONSELHO DE REDACÇOM/ Aarón L. Rivas, Ana Viqueira, Charo Lopes, Maria Álvares, Maria Rodinho, Raquel Pérez, Raul Rios, Xian Naia S., Xoán R. Sampedro

ECONOMIA/ Raul Rios
OS PES NA TERRA/ Aarón L. Rivas
CORPOS/ Ana Viqueira
O BOM VIVER/ Conselho de Redaçom

CORRECÇOM LINGÜÍSTICA/ Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Mário Herrero, Vichu Garcia Torea
MAQUETAÇOM/ Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/ Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/ Miguel Valcarcel

COLABORAM NESTE NÚMERO/ Sabela Iglesias, Roberto R. Fialhega, Lena Cullell, Marcos Abalde, Borxa Toxa, Hassim Vaio Mundo, Damián Copena, Àngel García, Pilar Abades, Mai Ínsua, Carla Trindade, Ena Barbazán, Lara Rozados

FECHO DE EDIÇOM 23/01/2018

EDITA/
Asociaçom Cultural Minho Media

SUBSCRIÇONS/
assinantes@novas.gal

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

EDITORIAL / Jogar com lume

sabela iglesias

Na Junta continuam sem assumir responsabilidades políticas quanto à gestom de montes das últimas décadas, que está a converter o país numha monocultura de eucalipto e pinheiro e num polvorim nos meses de verao. Para além disso, nos últimos anos o governo de Feijóo encarregou-se de fragmentar e precarizar ainda mais os serviços contraincêndios, o que expom a falta de planificaçom com o que a administraçom está a pegar num problema tam sério como o dos incêndios florestais, que no ano passado deixárom três pessoas mortas.

Nengumha mudança substancial se aguarda na política florestal nem na prevençom. Feijóo avala e guarda as costas dum dos máximos responsáveis de esta situaçom, o sempiterno diretor geral de Montes Tomás Fernández-Couto. Recentemente, os julgados arquivavam umha denúncia sobre a adjudicaçom sem contrato a Inaer do serviço de helicópteros contra os incêndios para o ano 2012. E isso apesar de que o próprio juiz reconhece no seu auto que se cometérom irregularidades. "Surrealismo judicial", acham na CIG, sindicato que pujo em conhecimento da Fiscalia os feitos que fundamentárom a denúncia.

Talvez haja outra frase de relevo mediático que poda explicar isto. "*Es el mercado, amigo*", dizia o ex-ministro Rodrigo Rato na sua comparecência perante umha comissom de controle do Congresso dos Deputados. Mas nom é apenas o mercado, é também a intrínseca relaçom de interesses entre a administraçom e o mercado, umha relaçom de interesses que sustenta a fase atual do capitalismo e concentra o poder nas elites económicas. Um exemplo claro som as grandes empresas que fam negócios com as emergências e que entendem estas como um mercado em expansom. Tal é o seu poder e envergadura que ali onde vam encontram-se com governos prontos para saltar-se regulamentaçons para contratar os seus serviços. Isto foi o que aconteceu com a Inaer no nosso país.

Quando é o jogo do mercado o que está presente, nom há planificaçom possível para um monte vivo.

alto falante

altofalante@novas.gal

2200 sol-pores roubados

Aqui cada quem mede o tempo ao seu modo; uns por temporadas ou mundiais de futebol, outros por cursos da UNED, por legislaturas de mal-governo, por ediçons de "Gran Hermano", outros por acontecimentos históricos (normalmente trágicos ou até falsos)... E eu tropeço com que já levamos mais de seis anos presxs... Umha moinhada sem sol-pores trás das Cíes, sem poesia no Condado, sem subidas ao Monte Tegra... nem entruidos, nem bancadas de Balaídos, nem roteiros da AMAL, nem castanhas assadas, nem pimentos de Padrom, nem Primeiros de Maio, nem 25 de Julho... Mas apenas com umhas bágoas de Licor café camuflado... E como a listagem é injusta e seria interminável resumo em seis anos de dispersom, longe da Terra e sem viver em galego, quase vazios, que por outra parte já marchárom pola sanita... porque se me perguntam o que figem com eles também nom sei onde os metim. É estranho, escorregárom sem fazer ruído, quase sem reparar.

Aqui a perceçom do tempo é diferente, olhando para atrás apenas tenho a sensaçom do seu passo, suponho que será porque o passado já som lembranças na gaveta da memória, onde sempre enche menos o que nom se fixo do que o que sim. E se por cima o pouco que se fixo é umha rotina de fotocopia após fotocopia, por muito que sejam já mais de 2200, tam organizadas e bem apilhadas irremediavelmente ocupam pouco.

Outra cousa é olhar o tempo para diante; a campanha que ainda fica por caminhar. Aí qualquer horizonte à mesma distância semelha mais longe... Dizem que para isso serve a utopia, para caminhar, ainda que seja devagarinho... Ou será que eu som um bule-bule e que estes mestrados em pacienciologia nom me estám a valer de nada, mas sem laiar-nos, que motivos temos a moreias para nos sentir arroupadxs, fortes e animadxs para atacar o 2018 com mais ganas ainda, dando-lhe mais do mesmo: rebeldia e dignidade o tempo todo, sabendo que ainda que este mar de terra dura e seca aparenta calmo, no fundo sempre está em movimento, e desta vez o futuro que está por vir nom vai ser como o imaginam eles. Força e saúde para todas as compas presas, e às de fora também! Na Galiza, sempre ceives! DMQE.

Roberto R. Fialhega 'Teto'/
independentista preso no cárcere de Dueñas (Palência)

Mutiladas (e II)

LENA CULLELL

[Mutilar: (1) Privar dum membro ou dalgumha parte do corpo.]

O heteropatriarcado mutila o corpo das mulheres em nome da ciência. Hoje e aqui, em hospitais do suposto mundo desenvolvido, existem casos de amputaçom de clítoris a bebés intersexuais com genitais nom normativos; de extirpaçom da próstata a mulheres que ejaculam em pleno orgasmo; de eliminaçom do útero e dos ovários a mulheres sem doenças malignas associadas. Há muito tempo que as normas de género e da heterossexualidade fôrom traduzidas a normas médicas e, como consequência, a medicina relaciona-se violentamente com os nossos corpos.

No Estado espanhol, cada ano praticam-se 50.000 histerectomias, umha operaçom cirúrgica que consiste na extirpaçom do útero ou parte dele. Os estudos que avalam estes dados confirmam, por umha banda, que só 4 de cada 10 histerectomias se realizam quando nom há alternativa: em casos de hemorragias muito intensas ou de câncer de útero (frequentemente acompanhado de câncer de cérvix, de ovários, de endométrio ou de trompas de falópio). Pola contra, assinalam que à maioria de mulheres às que se lhes extirpa a matriz sofrem enfermidades benignas como a endometriose, miomas, tumores nom cancerígenos ou intensa dor pélvica, doenças que poderiam tratar-se em muitos casos, e especialmente em primeira instância, dum jeito menos invasivo e sem resultados irreversíveis. De facto, do próprio âmbito da saúde asseguram que as histerectomias para estes casos estám a descender respeito há uns anos e que um fator determinante na mudança de tendência está a ser a informaçom sobre as alternativas existentes que manejam algumas pacientes e o pessoal médico mais novo.

Os estudos também confirmam que muitas das histerectomias que se poderiam evitar se realizam em mulheres com pós-menopausa, a etapa posterior à chegada da menopausa e que dura até os 65 anos, aproximadamente. Na ciência e na medicina segue-se a promover a ideia de que as mulheres somos, ante todo, seres reprodutores, umha mentira androcéntrica que deixa fora da etiqueta 'mulher' a muitas de nós. Às trans; às que nom somos férteis; a algumas mulheres intersexuais; às que temporalmente nom temos, ou nom tivemos, a menstruaçom; às mulheres com menopausa... E, ademais, divide os nossos corpos em saudáveis ou enfermos em funçom da nossa capacidade de ficar grávidas. Com a chegada da menopausa e o cesse da funçom reprodutiva, a medicina considera que o nosso corpo produz alteraçons que, com o tempo, podem derivar em doença. E é neste contexto em que aparecem os sobretratamentos: recomendaçons médicas para extirpar o útero (e os ovários) em casos de doenças benignas baixo o argumento da pouca funçom hormonal da matriz e perante a possível apariçom de câncer ou tumores no futuro, sugestons que non se proponhem a mulheres com possibilidades de ficarem grávidas, e menos, se ainda nom tivérom descendência. Se fazemos cálculos segundo os dados disponíveis, cada ano praticam-se no Estado espanhol umhas 30.000 histerectomias para tratar doenças benignas. Extirpaçons que se estám a praticar sem investigaçoms sobre os efeitos físicos e psicológicos destes tratamentos nos nossos corpos, sem estudos baseados em evidências científicas que comparem os riscos e os benefícios nestes casos e sem informaçom suficiente, daquela, para o consentimento realmente informado.

sabrina gevaerd

Na ciência segue-se a promover a ideia de que as mulheres somos seres reprodutores, umha mentira androcéntrica que deixa fora da etiqueta 'mulher' a muitas de nós

Nomear e denunciar estas práticas significa apostar, mais umha vez, na sororidade entre nós. Solidariedade cara às mulheres às que se lhes negou conservar o útero ainda existindo essa possibilidade; cara às que, sem outra alternativa que a da extirpaçom, nom se sentírom acompanhadas nem antes nem depois da intervençom. Apoio mútuo cara às que nas consultas pós-operatórias nom se atrevérom a queixar-se da incontinência, das dores nas relaçons sexuais ou da perda do prazer; cara às que contárom que se sentiam tristes, raras ou intranquilas depois da histerectomia e saírom do consultório com receitas para psicofármacos (hoje, na Uniom Europea, o 85% deste tipo de medicamentos é consumido por mulheres).

Ao longo do nosso historial médico imos comprovando que o patriarcado habita nos centros de saúde e que ali convive em guerra com aliadas imprescindíveis, profissionais que apostam a diário em mudar as normas que regem o funcionamento das instituçons médicas. Vamos corroborando, também, que a luita por conseguir outra relaçom da ciência e a medicina com os nossos corpos só é possível se é coletiva e de distintos lugares. Luitar conhecendo os nossos direitos e denunciando as más praxis. Exigindo informaçom e bom trato. Gerando e compartindo conhecimento político (e de resistência) baseado nas nossas experiencias. Querendo os nossos corpos. Perguntando as vezes que faga falta quando nom entendamos o que nos explica o pessoal médico. Assumindo-nos sujeitas de direito. Pedindo umha segunda opiniom quando nos recomendem ser mutiladas.

Lena Cullell é ativista feminista.

Do trauma à reparaçom: o caso galego

MARCOS ABALDE

De joelhos contra a parede durante duas horas. Assim castigavam o historiador Xosé Estévez por utilizar o galego. "*Aldeano, que es usted un aldeano*". O artista Siro López explica como estas humilhaçons eram constantes simplesmente por se lhes escapar algumha palavra no nosso idioma. Malhar nos dedos até fazê-los sangrar era o método usado na escola da poeta Luz Fandinho para que deixassem de "*hablar mal*". Vivências partilhadas por todo o país e com profundas consequências psicológicas.

Na América Latina também padecérom a barbárie das ditaduras. Ali a sobrevivência do trauma nas vítimas de terrorismo de Estado foi muito mais investigada (Kersner, Madariaga, Edelman, etc). Segundo estes estudos, as suas sequelas afetam várias geraçons: isolamento, inibiçom social, agressividade, autocensura, insónia e outras doenças severas. Favorecido pola impunidade, é comum a irrupçom do trauma passados vinte anos. Fenómeno que deita umha nova luz sobre a rutura da transmissom familiar da língua.

O golpe de Estado fascista profundou umha experiência escolar devastadora para o psiquismo infantil. O movimento de renovaçom pedagógica que a Segunda República impulsara foi extirpado a base de depuraçons e assassinatos. Para conseguir a adesom ao novo regime implantou-se unha violência extrema e planificada que invadiu todos os âmbitos, incluído o da vida quotidiana. Com umha populaçom em shock, a escola tornou um centro de maus-tratos para a infância e de exaltaçom do supremacismo castelhano. Esta catástrofe social pode dividir-se em três fases.

Na primeira fase (1936), as agressons físicas e psicológicas reforçam as pautas diglóssicas, mas nom conseguem mudar os hábitos linguísticos. Entre outros motivos porque a maior parte do alunado só frequentou esta instituiçom dos seis aos doze anos. Porém, o desgarro do mundo interior foi tam fundo que atingiu o inconsciente e vai-se manifestar décadas depois na intimidade.

Na segunda fase (1956), o "*desarrollismo*" procura a total escolarizaçom e aprova a construçom de 25.000 novos centros de ensino. Com umha atmosfera de terror consolidada, propaga-se de forma maciça o colapso do galego dentro da casa. As maes e pais socializados na fase anterior nom transmitem a língua, transmitem o trauma. Com a nova geraçom reativa-se a vivência de desamparo que infringe umha cisom na própria subjetividade. Como mecanismo de defesa perante um passado de maus-tratos, as pessoas adultas ocultam e excluem a sua descendência da comunidade linguística.

Na terceira fase (1976), o fortalecimento das organizaçons nacionalistas forja umha tímida esperança no meio dumha autoestima coletiva desfeita. Na Galiza contemporânea, o sociolinguista Fernando Ramalho quantifica em 70.000 as pessoas neofalantes. Milhares de homens e mulheres que nom aceitárom a privaçom linguística, rachárom com o medo e incorporárom-se ao galego de adultas. Eis o objetivo: viver sem complexos, falar com consciência. Contudo, esta nova fase de reparaçom comunitária ainda nom contra-arresta as duas anteriores que sustenhem o processo etnocida.

Nom banalizemos o franquismo. O extermínio e repressom que as classes populares padecérom é dumha dimensom difícil de imaginar. Muitas das suas inércias continuam ativas. Para interrompermos o seu impacto, cumpre restaurar esta memória ferida, isto é, enfrentar-se ao trauma, verbalizá-lo, socializá-lo. De aí a relevância do documentário *A memória da língua* ou de iniciativas como a Semente. Há umha parte pequena mas significativa da sociedade que reparou o trauma e transformou o estigma em estima. Em síntese, o galego permite passar da barbárie à democracia. Imelhorável ferramenta de emancipaçom social.

Nom banalizemos o franquismo. O extermínio e repressom que as classes populares padecérom é de umha dimensom difícil de imaginar. Muitas das suas inércias continuam ativas

Marcos Abalde é ativista.

COBERTURA MEDIÁTICA DUM FEMINICÍDIO /

Machismo na atuaçom mediática e policial no 'caso Diana Quer'

'El español' afasta o crime das violências machistas e vincula-o com umha suposta infância traumática do arrestado

redaçom
conselho@novas.gal

A cobertura mediática e a atuaçom da Guarda-Civil perante a desapariçom de Diana Quer no verao de 2016 na Povoa do Caraminhal está repleta de interrogantes éticos. Teriam-se comportado deste mesmo modo se Diana Quer nom encaixasse tam bem no perfil de mulher independente?

Quase 500 dias depois de ter desaparecido Diana Quer, o dia 31 de dezembro de 2017, a Guarda-Civil econtrou o seu corpo dentro dumha nave abandonada de Rianjo. Os agentes fôrom conduzidos até o lugar por José Enrique Abuín, o principal suspeitoso do crime. Após um dia deste giro no caso, em rolda de imprensa, o comandante da Corunha Franciso Javiera Jambrina, reconheceu que Abuín era o principal suspeitoso do crime desde novembro. Explica também que o dia de Natal umha moça denunciara José Enrique Abuín por tentar seqüestrá-la em Boiro e que a filtraçom dessa denúncia à imprensa propiciou a detençom do acusado.

Logo de relatar estes feitos, Jambrina aponta que lhes surpreendeu que Abuín quigesse realizar outra agressom porque sabia que estava a ser vigiado. Longe da autocrítica, o comandante da Guardia-Civil insistiu nessas palavras em posteriores entrevistas. Cumpre lembrar que o seqüestro nom se produziu nom graças à intervençom dos agentes senom a que moça conseguiu evitar que Abuín fechasse a maleta do carro com ela dentro, com um pé, ademais da oportuna chegada dumha parelha pola rua.

> Os tertulianos questionavam se Diana Quer costumava fiar-se "demasiado" dos moços por internet

Especulaçom

A falta de respeito pola vida das mulheres e a especulaçom marcou este caso desde o primeiro momento. Quando a prensa tinha ao seu culpável, especulou ao redor da sua figura. O diário *El Español* em 'El Chicle', las tres vidas del monstruo: "el pringao" del cole, el delator y el asesino de Diana', afasta o crime das violências machistas e vincula umha suposta infância traumática de Abuín como a base que propiciou que o acusado se converte-se num assassino e depredador sexual. Mas remontando-nos quinhentos dias atrás, o que acontecia quando os meios de comunicaçom nom tinham culpável da desapariçom de Diana Quer? A linha foi clara e partilhada polos mass media, a culpável de que Diana desaparecesse era a própria Diana.

Misoginia

A moça de 18 anos saíra às festas da Povoa e passadas as duas da madrugada voltava para a casa soa, vestida com uns shorts rosas. Nos platôs de televisom, os tertulianos comentavam a roupa que escolhera a moça para se vestir, inclusive falavam de se Diana costumava fiar-se "demasiado" dos moços que conhecia por Internet. Expunham os whatsapps que enviara antes de desaparecer e falavam também de se a sua nai lhe recomendara umha vez tomar Orfidal, um fármaco tranquilizante.

Nom fôrom as únicas mulheres repudiadas pola imprensa. Nengum jornal de gram difusom se resistiu a condenar Rosario Rodríguez, parelha de Abuín, por ter-lhe proporcionado umha coartada e nom ter-se situado com a sua irmá quando denúncia ter sido violada polo seu marido. Outorgárom-lhe dous papéis concretos, bem era umha mulher submissa bem cúmplice de assassinato. O comandante da Guarda-Civil, Francisco Javiera Jambrina, somou-se ao jogo: "(Rosario) tem um perfil psicológico mui estranho, nom sabemos porque se posiciona com El Chicle", dizia numha entrevista para a Radio Galega.

José Enrique Abuín e Rosario Rodríguez declarárom perante o julgado de instruçom número 1 de Ribeira o mesmo dia. Um dos fotógrafos assistentes conta que a Guarda-Civil achegou-se a eles e lhes comunicou que iam "passear" a Rosario Rodríguez para que pudessem tirar umha imagem dela. Assim foi. Rodríguez realiza um pequeno passeio dos julgados até um carro sem rotular da Guarda-Civil. Abuín -fotografado só na primeira declaraçom perante a juíza de guarda-, sae de carro sem ser visto cara à prisom de Teixeiro.

CENSURA /

Diretor geral da CRTVG demandado por vulnerar direitos fundamentais

Alfonso Sánchez Izquierdo responde com desprezo às denúncias de censura numha comparecência perante a comissom de controlo no Parlamento

redaçom
conselho@novas.gal

O 30 de novembro o diretor geral da CRTVG, Alfonso Sánchez Izquierdo, acudia à comissom de controlo da CRTVG do Parlamento e tivo que responder sobre umha denúncia de manipulaçom e censura informativa realizada polo comité de empresa, a qual já foi noticiada no Novas da Galiza 161. A sua resposta neste caso foi um ataque cara a jornalista Ana Costoia, quem solicitou amparo ao comité de empresa. Este comité referiu-se a ela como "redatora em práticas" comparando-a com a coordenadora de informativos denunciada, de quem defendia a sua trajetória profissional de dezassete anos na corporaçom.

Mas Sánchez Izquierdo nom ficou ai: desvendou a condiçom de filiada sindical da demandante, acusa-a de indisciplina "sem nenhumha base deontológica, legal ou jornalística, mais do que o seu próprio critério" e afirmou que a jornalista empregou as redes sociais para "vangloriar-se", "convertendo-se a sim própria nunha garante da liberdade de expressom", e "obstentar". Umha série de desqualificativos que levárom a que o diretor geral da CRTVG fosse demandado por esta jornalista por vulneraçom dos seus direitos à liberdade sindical, à intimidade e à honra e à dignidade profissional.

> O alto cargo desqualificou no Parlamento umha jornalista que denunciara manipulaçom no programa 'A Crónica'

Ausência de Sánchez Izquierdo

A audiência por esta demanda celebrou-se no passado 9 de janeiro no julgado do social n.º 1 de Compostela. A este juízo estava chamado a acudir o próprio Sánchez Izquierdo como representante legal da CRTVG mas delegou um poder na diretora de recursos humanos Susana Fernández Veiguela, sem ter-se explicado no juízo os motivos da sua ausência.

Perante a falta de comparência do diretor geral, a defesa da demandante solicitou à magistrada que se lhe declarasse confesso na sua sentença e negou-se a interrogar a diretora de recursos humanos. A letrada da CRTVG tentou justificar a presença de Fernández Veiguela afirmando que fora ela a que redigira o texto da intervençom parlamentar de Sánchez Izquierdo.

A audiência iniciou-se com demora devido ao absentismo da Fiscalia, a qual nom via neste caso umha vulneraçom dos direitos fundamentais da trabalhadora e nom comunicara por nenhumha via a sua ausência até ser requerida pola própria magistrada.

CRTVG pesquisa nas redes sociais

Durante a audiência, a defesa da CRTVG tentou voltar ao dia em que se emitiu a notícia que foi cortada por ordem da coordenadora do programa *A Crónica*. Porém, a magistrada tentou durante a audiência cingir-se às declaraçons do próprio Sánchez Izquierdo em sé parlamentar.

A defesa da CRTVG quijo apresentar umha série de provas com capturas de ecrám das redes sociais da jornalista demandante, algumhas das

A defesa da CRTVG quijo utilizar capturas das redes sociais da jornalista para avalar as palavras de Sánchez Izquierdo mas fôrom rechaçadas pola magistrada

Perante a falta dum Conselho de Informativos na corporaçom, o comité de empresa desenvolveu um protocolo para enfrentar casos de manipulaçom

Concentraçom em apoio à jornalista demandante às portas dos julgados de Compostela durante o juízo contra Sánchez Izquierdo.
borxa toxa

quais contam com caráter privado. Quando a letrada que representa a corporaçom é perguntada sobre como conseguiu essas provas, esta resposta, ante a surpresa do público da sala, que os documentos das redes sociais se nom som públicos som "meio públicos". A magistrada nom aceitou o emprego destas provas.

Juntas informais para estabelecer critérios

Após escuitar na sala a intervençom do diretor da CRTVG no Parlamento, a magistrada aceitou como testemunhas a coordenadora do programa *A Crónica*, Silvia Pereira, e o presidente do comité de empresa da CRTVG, Manuel Cereijo. Pereira expujo que levava mais de dous anos trabalhando com a demandante e que no dia dos feitos houvo umha "junta informal" com o chefe de redaçom em que se estabelecêrom os critérios jornalísticos a seguir. Durante a leitura da notícia, a coordenadora vêu que estava no texto o parágrafo em que se falava da passada militância no PP do jihadista detido, e aproveitando um corte de áudio ordenou à locutora que nom lesse esse parágrafo. Segundo declarou a própria Pereira, a demandante acatou e nom o leu.

Pola sua banda, Cereijo explicou na sala o funcionamento do protocolo contra a manipulaçom desenvolto polo comité e a sua posta em andamento após a solicitude de amparo realizado pola jornalista Ana Costoia.

Após os depoimentos das testemunhas, a defesa da CRTVG afirmava que a declaraçom de Sánchez Izquierdo na Comissom de Controlo fora "impoluta". Pola sua banda, a defesa de Ana Costoia formulou a petiçom de umha indemnizaçom de 105.000 euros, assim como a leitura da sentença por parte do diretor geral na comissom de controlo da CRTVG e sua publicaçom na intranet da empresa.

Trabalhadoras defendem-se contra a manipulaçom

Durante o julgamento, apareceu umha das reivindicaçons das trabalhadoras da CRTVG: a criaçom de um Conselho de Informativos. Esta entidade está recolhida no artigo 36.2 da Lei 9/2011 de Meios Públicos de Comunicaçom Audiovisual, onde é definida como o "órgao interno de participaçom dos profissionais da informaçom da CRTVG, com o fim de velar pola independência, veracidade e objetividade dos conteúdos informativos difundidos por todas os seus canais".

A falta deste organismo, que é visto polas profissionais da informaçom como o ente que terá que gerir e informar sobre as más práticas informativas e os casos de manipulaçom ou censura, levou ao comité de empresa à criaçom de um *Protocolo de atuaçom ante as denúncias de manipulaçom informativa*. A este protocolo, que se aprovou em abril de 2017, acolheu-se a jornalista Ana Costoia decidindo pedir amparo ao próprio comité, o qual decidiu outorgar-lho e continuar com o procedimento. A nota de imprensa enviada polo comité informando do caso de censura acontecido forma parte deste protocolo.

no foco

MONTES E LUME / CONTRATAÇONS DE MEIOS AÉREOS

Helicópteros a voar por cima das regulamentaçons

A falta de planificaçom por parte da Junta e a posiçom vantajosa das grandes empresas dedicadas à gestom de emergências enche de irregularidades as contrataçons públicas nos serviços anti-incêndios

a. l.
conselho@novas.gal

O Julgado de Instruçom nº3 de Santiago de Compostela vém de arquivar a denúncia apresentada pola Fiscalia para a investigaçom da adjudicaçom do contrato dos helicópteros para a luita contra os incêndios florestais em 2012. Ainda que o juiz Andrés Lago Louro nom vê neste caso um delito de prevaricaçom, sim que admite que se cometeram irregularidades administrativas se bem que nom o enquadra no crime de prevaricaçom por nom perceber que tal infraçom fosse deliberada. Umha decisom que o sindicato CIG, entidade que pujo em maos da Fiscalia os feitos denunciados, já definiu como "exercício de surrealismo judicial".

Nesta denúncia pedia-se a investigaçom do diretor geral de Ordenamento Florestal, Tomás Fernández-Couto, o ex-secretário técnico de Meio Rural, José Vidal-Pardo, e José Carlos Costas, ex-subdiretor geral de Prevençom e Defesa contra os Incêndios Florestais. No auto, o juiz reconhece que nesse ano 2012 os helicópteros da Inaer operárom sem "cobertura contratual".

Já o Conselho de Contas advertira desta situaçom no seu relatório de fiscalizaçom da contrataçom administrativa para os exercícios de 2010 e 2011. Segundo se desprende de este relatório, a Inaer Galicia S.L. contava com a adjudicaçom de 14 helicópteros para 2008 e 2009, a qual se prorrogou até dezembro de 2011. Mas até dezembro de 2012, a Conselharia de Mar e Meio Rural com Rosa Quintana à cabeça nom abre um procedimento para a adjudicaçom de helicópteros, polo que nesse ano a Inaer Galicia S.L. opera nas bases sem nenhum tipo de contrato. Rosa Quintana chegaria a afirmar diante dos meios que Inaer operou nesse ano através de umha "encomenda de gestom" por parte da Junta.

Roberto Varela, secretário nacional da CIG-Autonómica, lembra que "na primavera de 2012 já se encontravam os helicópteros e as brigadas nas bases, mas o contrato nom se adjudicou até maio de 2013". Esta situaçom facilitou também a entrada nas contrataçons para a luita contra-incêndios da Natutecnia, a qual se encarregaria de fornecer do pessoal das brigadas helitransportadas. Nesse 2012 faria-o sendo subcontratada pola Inaer e nos concursos dos anos seguintes apresentando-se com esta empresa aos procedimentos de contrataçom.

Quando sai a convocatória para o serviço de helicópteros para o 2013 e 2014 por procedimento aberto apresentam-se a ela as empresas UTE Helibravo Aviación S.L.- Repoblación y bosquetes forestales S.A. e a Inaer Galicia S.L. Nenhumha das duas cumpre com as prescriçons técnicas, polo que se declara deserto o concurso. Depois disto, a Conselharia abre um procedimento negociado sem publicidade, em que convida as duas empresas mas modificando as condiçons. É aqui onde o Conselho de Contas deteta um "entrave legal para a posterior convocatória de este procedimento negociado sem publicidade, com infraçom dos princípios de publicidade e transparência que devem presidir os procedimentos da contrataçom pública". O Conselho de Contas é taxativo: "a Conselharia deveu convocar um novo procedimento aberto ao que poderiam concorrer outras empresas interessadas com capacidade para realizar o contrato". Finalmente, a adjudicaçom, com umha quantia de 12.380.300 euros, foi para Inaer Galicia S.L.

Inaer Galicia S.L. operou na campanha de 2012 sem contrataçom

AECA recorre concurso público

Em janeiro de 2016 o concurso público que devia contratar os helicópteros e as brigadas helitransportadas para 2016 e 2017 suspende-se. Isto deveu-se a um recurso apresentado pola Asociación Española de Compañías Aéreas de Helicópteros y Trabajos Aéreos (AECA) -patronal em que se encontra Inaer- em que considerava que os requisitos que expunha a Junta eram mais exigentes do que a legislaçom espanhola aplica. Este contrato superava os 13 milhons de euros e a Junta vê-se obrigada a refazer os critérios, abrir um novo procedimento e abrir umha série de contrataçons urgentes.

Porém, a pré-campanha de incêndios, que começa no 1 de março, estava já próxima e a Conselharia de Meio Rural abrirá em fevereiro dous procedimentos de tramitaçom urgente para os três helicópteros que terám que operar na pré-campanha. Estes procedimentos resolvem-se no 14 e 17 de março e som adjudicados para a Inaer e Natutecnia. No mês de maio resolve-se também sendo adjudicatárias estas duas empresas, o contrato para os anos 2016, 2017 e 2018.

Mas nesse ano 2016 abre-se também um procedimento negociado sem publicidade que rematará no mês de julho com a adjudicaçom para Inaer e Natutecnia de 3 helicópteros ligeiros, 3 brigadas, um helicóptero para labores de coordenaçom e a equipa técnica deste. Por outra banda, no 31 de agosto deste ano resolverá-se um procedimento

MONTES E LUME / CONTRATAÇONS DE MEIOS AÉREOS

Em 2012 Rosa Quintana (no centro) era conselheira de Meio Rural e Mar e Tomás Fernández-Couto (à sua esquerda, com óculos) era secretário geral de Meio Rural e Montes

Em 2016 adjudicárom-se os helicópteros e as brigadas helitransportadas durante a pré-campanha de incêndios

Nas contrataçons polo procedimento negociado sem publicidade é a admninistraçom a que escolhe as empresas que participarám

aberto de contrataçom para 2016 que levava aberto desde maio. Neste procedimento anulará-se a adjudicaçom do primeiro lote (de três helicópteros ligeiros e três brigadas, que já foram adjudicadas no procedimento negociado), mas mantém-se o lote em que se adjudica um helicóptero para labores de coordenaçom e a sua equipa técnica, para Inaer e Natutecnia.

Perguntas no Parlamento

A contrataçom de helicópteros e brigadas helitransportadas tem sido motivo de perguntas no Parlamento por parte dos partidos da oposiçom. O grupo parlamentar de Em Marea apresentou em janeiro de 2017 umha questom parlamentar em que expunha que neste tipo de contrataçons se tenhem empregado como elementos de melhora técnica os meses adicionais de prestaçom de serviço, horas adicionais de voo ou o conhecimento da língua espanhola. Nesse mesmo texto, Em Marea alerta de que se tem percebido que "há umha tendência cada vez maior de contratar helicópteros ligeiros", de menor carga de água.

CONCENTRAÇOM EMPRESARIAL /

Emergências e negócios

As contrataçons de meios aéreos para a gestom de emergências estám baixo a lupa da Audiência Nacional. Este tribunal de exceçom está a investigar se algumhas das empresas integrantes da AECA estám a manipular os processos de contrataçom pública de meios aéreos para a extinçom de incêndios no estado espanhol e noutros países, um caso que mediaticamente vem sendo conhecido como o 'cartel do lume'.

As empresas que se dedicam à gestom de emergências dependem em grande medida para a expansom do seu negócio destas contrataçons públicas, e tal situaçom está a provocar umha concentraçom em maos de grandes empresas com interesses especulativos e poder para interferir nas licitaçons.

O caso do grupo Inaer é umha mostra de como as empresas que se dedicam à gestom de emergências contam com empresários cujo objetivo principal é a maximizaçom de lucros. Inaer nasce da uniom das companhias Helicsa e Helicópteros del Sureste e neste grupo forom-se integrando outras operadoras, como Helieuropa -empresa que contava com a adjudicaçom dos helicópteros anti-incêndios da Junta quando se integrou na Inaer, passando parte dos seus diretivos a conformar Inaer Galicia SL.

Em 2005 o 75% do grupo empresarial foi adquirido polo fundo de capital risco Investindustrial, ficando com o resto o fundador da Inaer, Luis Miñano, e a Transfesa. Nesta operaçom, a Investindustrial teria gastado uns 205 milhons de euros. Em 2009 outra firma internacional de capital risco entrará na empresa, a KKR, ficando -após o desembolso de 350 milhons de euros- com o 49,9% da companhia e o 50,1% em maos da Investindustrial. A companhia, segundo as informaçons que fôrom aparecendo na imprensa económica, contaria com um valor de 700 milhons de euros.

Desde entom, a companhia continua a crescer a nível internacional e chegará a mercar Bond Aviation, o que dará lugar ao grupo Avincis. Será este grupo o que se venderá à multinacional Babcock em 2014 por 2000 milhons de euros -1100 milhons para Investindustrial KKR e 900 milhons da dívida da companhia.

O novo Plano Florestal traz mais eucalipto

a. l.
conselho@novas.gal

O novo Plano Florestal em que está a trabalhar a Conselharia de Meio Rural programa a ampliaçom da superfície de eucalipto em 20.000 hectares, embora umha das diretrizes do grupo de trabalho para um novo Plano era frenar a expansom desta espécie. Isto acontece depois de terem-se superado amplamente as previsons de crescimento desta árvore do Plano Florestal de 1992.

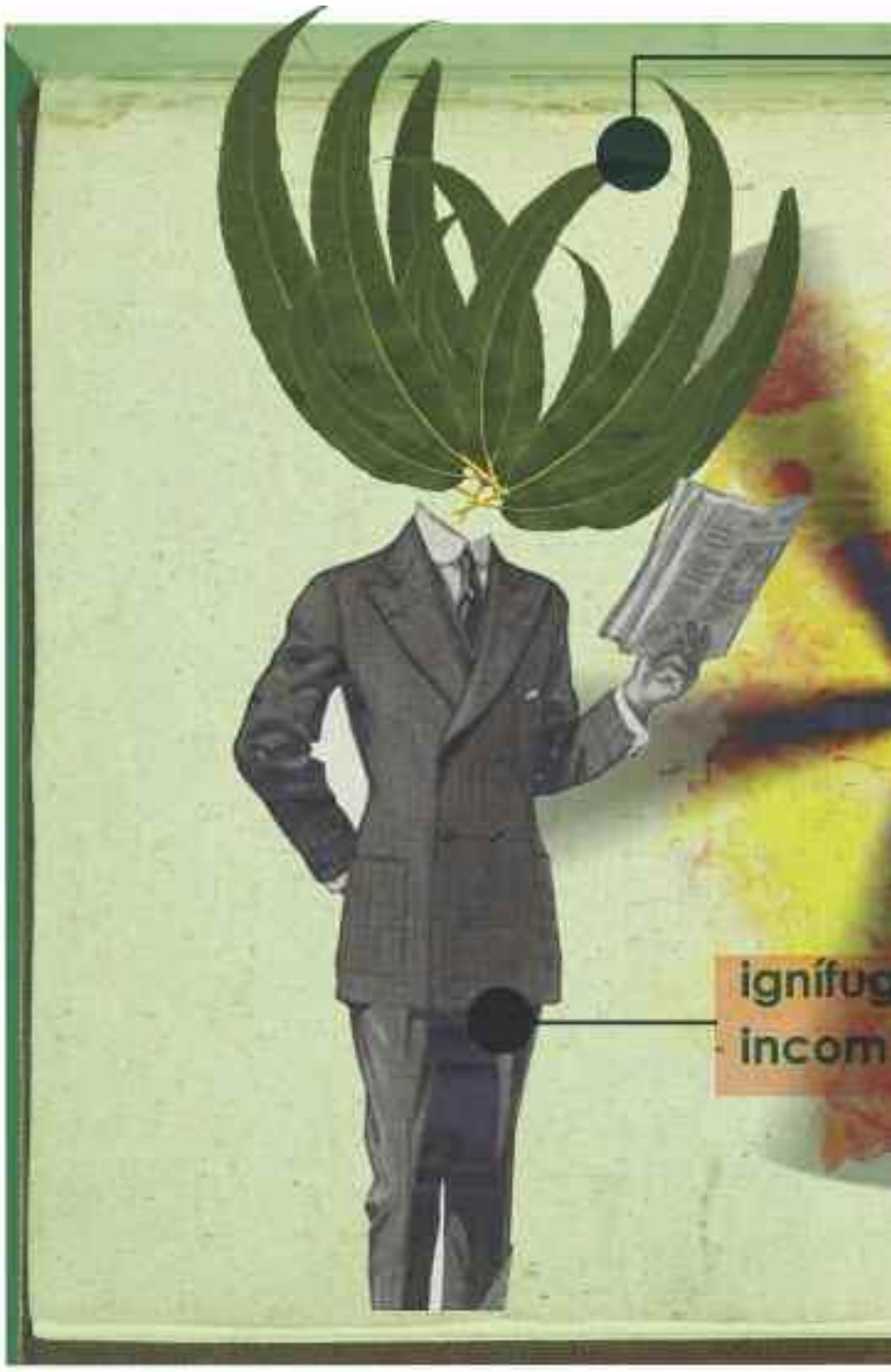
Em dezembro de 2016, a Conselharia de Meio Rural apresentava no Conselho Florestal o rascunho do novo Plano Florestal. Segundo indicam fontes do setor, este rascunho continua na linha produtivista própria da política florestal da administraçom galega, que centra o seu interesse nos hectares dedicados ao pinheiro e o eucalipto. Ainda que também se prevê um aumento da superfície destinada às frondosas, a indústria presente no nosso país baseia-se no aproveitamento das duas espécies citadas, o que dificulta o progresso de outras espécies arbóreas.

Eucalipto e pinheiro venhem determinando a política florestal galega. Vozes críticas com esta linha indicam que o crescimento destas espécies por acima do programado no Plano Florestal de 1992 implica também que toda a cadeia de produçom que vai do proprietário até a indústria transformadora se desenvolve-se de jeito improvisado, polo que a produçom de madeira de árvores autóctones de crescimento lento, como o castinheiro ou o carvalho, nom conta com nenhumha saída que faga rendível a sua plantaçom. Também se critica o feito de que se pense em aumentar o número de hectares de frondosas -especialmente de castinheiro-, mas nom se faga mençom à recuperaçom dos soutos abandonados.

> A produçom de madeira de castinheiro ou carvalho nom conta com nengumha saída rendível

Concentraçom

Outra linha a desenvolver por parte de Meio Rural para umha maior produtividade madeireira nos últimos anos é a concentraçom dos montes. Se bem que no nosso país as concentraçons parcelares levam fazendo-se desde os anos sessenta, as concentraçons de montes som mais recentes e procuram que haja umha maior superfície do mesmo cultivo para que a saca de madeira seja mais rendível e haja a possibilidade de mecanizar o processo. Segundo indicam do setor florestal, possibilitam-se concentraçons de monte mesmo para as Sociedades de Fomento Florestal (Sofor), sociedades mercantis que está a promover a Junta para a gestom conjunta de propriedades de monte.



TOMÁS FERNÁNDEZ-COUTO /

Vinte anos na política florestal

Segundo informou o portal digital *Praza Pública*, um auto do Julgado de Instruçom n.º 3 de Compostela assinala Tomás Fernández-Couto, atual diretor geral de Ordenamento Florestal, como o responsável da decisom de adjudicar sem contrato o serviço para a Inaer, se bem que nom vê um crime de prevaricaçom.

Fernández-Couto leva desde a década de 90 nos gabinetes da Junta desenhando a política florestal. Este engenheiro de montes envolve-se no seu perfil de técnico

MONTES E LUME / LUITA CONTRA OS INCÊNDIOS

sabela iglesias

Diferenças salariais nos serviços contra incêndios

a. l.

Os serviços de luita contra os incêndios florestais contam com umha forte fragmentaçom e com diversas condiçons laborais e salários. As melhores condiçons encontram-se no pessoal do Serviço de Prevençom e Defesa contra os Incêndios Florestais (SPDCIF) dependentes da Junta, situando-se por baixo os salários que cobram as brigadistas de Seaga e, por baixo destes, os do pessoal das brigadas helitransportadas contratado por Natutecnia.

Porém, as condiçons mais desiguais encontram-se nas brigadas municipais. Segundo indicam fontes sindicais, neste serviço os salários dependem do que cada concelho tenha aprovado para os seus pions, dando-se casos em que um chefe de brigada pode cobrar uns 900 euros.

As brigadas municipais constituem-se graças ao fundos FEDER, geridos através da Junta. Assim, a Junta financia-as num 75%, com fundos destinados a trabalhos de prevençom de incêndios. Estas brigadas preocupam-se pola limpeza na sua zona e nom saem fora do território do seu concelho. Trabalhadores dos serviços contra-incêndios indicam que na prática estas brigadas chegam a realizar labores que nom tenhem a ver com a prevençom e denunciam a opacidade com que se dam os processos de seleçom nalguns concelhos e a dificuldade para as reivindicaçons de carácter laboral nestas brigadas.

para defender firmemente a produçom de madeira extraída do eucalipto, espécie que se expandiu por acima da planificaçom durante a sua gestom. Em 1996 ocupa por vez primeira a direçom geral de Montes, substituindo neste cargo a quem mais tarde seria conselheiro de Meio Ambiente e outra das figuras centrais da política florestal galega: Carlos del Álamo, futuro membro do conselho de administraçom da Ence.

Couto permaneceria na sua direçom geral, que ao longo dos anos foi passando por diversas conselharias até outubro de 2005, estando ainda ativo durante a primeira campanha de incêndios que tivo que enfrentar o governo de PSdeG-BNG.

Umha vez o PP volta para a Junta em 2009, volta o seu diretor geral de Montes. Durante o tempo que Meio Rural esteve fundida com Mar, Fernández-Couto ocupou a secretaria geral de Meio Rural e Montes para depois passar ao seu atual cargo de diretor geral de Ordenamento Florestal na Conselharia de Meio Rural de Ángeles Vázquez.

Este engenheiro de montes envolve-se no seu perfil de técnico para defender firmemente a produçom de madeira extraída do eucalipto

Fernández-Couto é um pessoa com peso e algumhas fontes vinculam-no com o entorno de José Manuel Romay Beccaria. Nos momentos em que a sua gestom foi posta em dúvida sempre contou com o apoio sem fissuras do presidente Alberto Núñez Feijóo. Fontes sindicais indicam também o carácter pouco negociador próprio de Fernández-Couto, quem mesmo se viu nos últimos meses enfrentado às empresas madeireiras que abandonaram o Conselho Florestal.

hassim vaio mundo

Na Galiza a despesa anual em venenos agrícolas ascende a perto de 20 milhões de euros, correspondentes a mais de 2.200 toneladas de fungicidas, herbicidas, e outros agrotóxicos

USO DE HERBICIDAS /

Luta cidadã contra o glifosato e os agroquímicos

damián copena

O glifosato voltou recentemente a sair à palestra mediática devido à renovação da autorização para o uso deste herbicida por parte da Comissão Europeia por mais cinco anos. Isto aconteceu depois de meses de negociações e polémicas, várias votações e uma surpreendente mudança final de voto por parte dos representantes da Alemanha, com o voto contrário francês, o apoio espanhol e a abstenção portuguesa.

O glifosato é maciçamente utilizado pelas administrações públicas, por empresas e por pessoas particulares em muitas atividades de produção agrícola e florestal, em parques e jardins, nas bermas das estradas, etc. De facto, este herbicida da Monsanto, que a Organização Mundial da Saúde identificou como uma substância "provavelmente cancerígena" em março de 2015 e cujos efeitos nocivos nos animais e no ambiente foram cientificamente constatados, é hoje um dos agroquímicos mais usados no mundo.

Mas o glifosato, que se tornou o símbolo da luta contra os agroquímicos a nível planetário, é apenas a ponta do iceberg doutros muitos biocidas e produtos fitofarmacêuticos maciçamente usados desde a expansão da denominada "revolução verde", e que fazem parte do modelo e da lógica do negócio agroquímico. Para ficarmos com uma ideia do volume de negócio ligado aos produtos agroquímicos, baste referir que, só na Galiza, conforme indicam os últimos dados disponíveis, a despesa anual em venenos agrícolas ascende a cerca de 20 milhões de euros, correspondentes a mais de 2.200 toneladas de fungicidas, herbicidas, acaricidas, inseticidas e outros agrotóxicos.

Concelhos galegos sem glifosato e outros herbicidas

Entre nós a sensibilização a respeito destes produtos está a aumentar. Deste modo, diferentes ações e campanhas têm promovido nos últimos anos a apresentação de moções nos concelhos, para paralisar o uso de herbicidas com glifosato nos espaços públicos, favorecendo o debate cidadão em relação a este e outros herbicidas. Assim, os movimentos sociais estão a levar a cabo campanhas para reclamar a substituição destes agrotóxicos por métodos mecânicos e/ou biológicos não poluentes, inócuos para a saúde e o ambiente. Efetivamente, nos últimos anos, em muitos municípios foram apresentadas moções para a declaração de concelhos livres de glifosato

Nos últimos anos, em muitos municípios foram apresentadas moções para a declaração de concelhos livres de glifosato ou de herbicidas

ou de herbicidas. Assim, por exemplo, autarquias como a de Ames, Arçua, Compostela, Marim, Poio, Gondomar, Ponte Areias e Ourense aprovaram moções nessa direção. É de salientar que muitas destas iniciativas nascem de movimentos ambientalistas ou da sociedade civil organizada e são uma manifestação de que a consciência cidadã em relação aos agroquímicos está a crescer de modo significativo entre nós. Cada vez mais, o uso destes produtos, contrários às práticas da agricultura biológica, está a ser posto em discussão pela sociedade galega, que já não consente aplicações maciças sem contestação popular.

Certamente, ainda que a legislação espanhola existente seja muito permissiva quanto às aplicações de produtos fitossanitários, o Real-Decreto 1311/2012 de uso sustentável dos produtos fitossanitários estabelece que deve dar-se prioridade, quando tal for possível, aos métodos não químicos, precaução que parece não ser respeitada por muitas administrações galegas, já que não é estranho encontrarmos viaturas fumigando nas bermas das estradas o que está a impulsar o incremento da sensibilização e mobilização cidadã. No mesmo sentido, o quadro normativo estabelece a necessidade do cumprimento de uma série de condições, de distâncias mínimas e de medidas específicas para áreas mais sensíveis como as zonas de extração de água para consumo humano que é necessário conhecer.

Conflitos sócio-ambientais ligados aos agroquímicos

Na Galiza nos últimos anos têm havido diferentes conflitos sócio-ambientais ligados à utilização de produtos agroquímicos. Em diversos pontos do País, mobilizações populares em defesa dos recursos naturais próprios, como a água para o consumo humano, traduziram-se em microconflitos sócio-ambientais, como o que ocorreu em Ponte Areias e que deu lugar à posterior aprovação da moção em plenário municipal contra o uso de herbicidas. Assim, pouco a pouco, por força da pressão social, alguns concelhos estão a mudar os agroquímicos por métodos mecânicos e sistemas alternativos com outros produtos não agressivos para com o ambiente.

No mesmo sentido, em princípios desta década as fumigações mediante médios aéreos com agroquímicos geraram um grande conflito ambiental, que se articulou através da Plataforma contra as fumigações e que organizou diferentes ações públicas. Estas atividades tiveram uma importante presença de organizações apícolas como a Associação Galega de Apicultura. Efetivamente, as abelhas tornaram-se um símbolo da luta contra os agroquímicos ao nível planetário e a Galiza não ficou à margem deste movimento, e organizaram-se importantes mobilizações contra o uso dos agroquímicos que afetam estes insetos, como a que teve lugar em Compostela no ano 2012.

Os mais habituais nesta altura prendem-se com a utilização de herbicidas nas bermas das estradas

Mas, seguramente, os conflitos mais habituais nesta altura prendem-se com a utilização de herbicidas nas bermas das estradas por parte das administrações públicas autonómicas e provinciais, e que está a motivar a organização de campanhas de diferentes coletivos ambientalistas e sociais em muitos pontos do território galego, denunciando as aplicações destes produtos e pressionando os gestores para que seja a própria administrador a dar exemplo de boas práticas ambientais descartando o uso de produtos agroquímicos.

Todos estes conflitos, junto aos movimentos cidadãos, ambientalistas, apícolas e sociais relacionados, estão a fortalecer a consciência cidadã em relação aos agroquímicos e a fomentar o debate em relação à necessidade da utilização destes produtos químicos.

àngel garcía

MAIORIA SOBERANISTA /

Eleiçons baixo o artigo 155 rechaçam golpe de estado na Catalunha

maria alvares rei
mariaalvaresrei@novas.gal

As eleiçons autonómicas convocadas baixo a aplicaçom do artigo 155 deixam um recorde de participaçom histórico, um 81'94%, e umha vitória pola mínima da opçom independentista com mais de dous milhons de votos. Ciutadans com mais dum milhom de votos capitaliza o voto unionista e converte-se na força mais votada, enquanto o PP é agora umha força residual, após perder 8 escanos. A CUP ainda baixando de 10 a 4 deputados, segue a ser decisória e o seu apoio ao governo está condicionado "a implementar a República e nom a navegar no autonomismo".

O 21 de dezembro foi a data marcada polo governo espanhol com o apoio do PSOE e Ciudadanos para realizar as eleiçons ao Parlement de Catalunya. Umhas eleiçons "convocadas de maneira ilegítima e fabricadas para que ganhasse o unionismo" segundo denunciárom as forças independentistas catalás. Contudo, as eleiçons fôrom vistas por muitos meios e observadores internacionais como um novo referêndum, onde esta vez sim participaria maciçamente o "voto do nom". Todas as forças aceitárom a disposiçom imposta de Madrid e o presidente da República catalá, Carles Puigdemont afirmava, assim conhecia a data, que "os independentistas nunca lhe temos medo às urnas".

> Carles Puigdemont afirmava que "os independentistas nunca lhe temos medo às urnas"

Desta maneira também é como se pode analisar o resultado que deixou o 21-D: um voto claramente dividido entre os partidários da República catalá e os que preferem seguir pertencendo ao estado espanhol. No meio ficaria a opçom dos Comuns, que

BAIXO SECRETO /

Estado gastou 34 milhons de euros nas operaçons policiais contra o 'procés'

maria alvares rei

àngel garcía

Paralelamente à informaçom do novo governo catalám os meios vam tendo mais informaçom relevante da operaçom levada a cabo o 1 e o 27 de outubro (dia que se declarou a República) polo governo espanhol. Operaçons as duas classificadas como secretas e às que o jornal *Directa* tivo acesso.

A Operaçom contra o "procés" custou 34 milhons de euros, destinados à contrataçom de 3 barcos convertidos em comissarias, quartos em 38 hotéis de Catalunha e Aragom e as dietas previstas até 28 de outubro para 5.300 agentes (às quais haveria que somar até o 31 de dezembro).

O jornal dos movimentos sociais cataláns também publicava recentemente um documento elaborado pola *Unidad de Coordinación Operativa Territorial de la Jefatura Superior de Policía de Cataluña* onde se detalha como se desenvolveu a açom policial o dia 1 de outubro na capital catalá e os efetivos anti-distúrbios destinados a carregar contra a populaçom civil, que ofereceu resistência pacífica para defender as urnas do referêndum.

Os documentos revelam que a cidade foi dividida em sectores e que nas cargas priorizárom-se os colégios que iam oferecer menor resistência (por isso nom houvo cargas nos bairros de Grácia nem Sants, conhecidos popularmente pola força dos movimentos sociais e associativos).

Tal e como indica o documento feito público polo *Directa*, as cargas estavam previstas na franja horária que ia desde as 7.30 até as 10 da manhá, onde as atuaçons tinham que ser "rápidas e pontoais para minimizar riscos". Com isto pretendia-se expandir o medo e "dissuadir a populaçom de ir votar". No conjunto da cidade 1034 agentes anti-distúrbios participárom nas cargas, segundo o documento.

O Ministério de Interior escolheu para a operaçom em Barcelona nomes de animais para referir-se às unidades policiais. A unidade procedente da Galiza estava composta por 117 anti-distúrbios e levava o nome de *Raya*, foi responsável das cargas mais contundentes e atuou conjuntamente com as unidades de Sevilha e Málaga.

Declaraçom da República

O jornalista Jesús Rodriguez, editor do *Directa*, declarou em várias entrevistas as ameaças que o Governo catalám recebeu por parte do governo espanhol sobre o deslocamento do exército em Catalunha. Rodríguez afirma que tem informaçom de que helicópteros e avions do exército espanhol fotografárom as cidades de Girona, Manresa, Réus e Leida e realizárom cartografia muito detalhada duas semanas antes do 27-O. A mesma semana da declaraçom de independência, duas avionetas privadas vindas do centro de Europa, cartografam todo o território catalám. Nom se sabe ainda quem as contratou.

> A unidade policial procedente da Galiza para intervir no 1-O estava composta por 117 anti-distúrbios e levava o nome de 'Raya'. Foi responsável das cargas mais contundentes e atuou conjuntamente com as unidades de Sevilha e Málaga

Jesús Rodriguez afirma também que fontes muito fiáveis do Governo catalám naquela altura revelárom-lhe que no aeroporto de Barcelona a guardacivil contava com unidades especiais com a misom de assaltar o Palau da Generalitat, e que estariam preparadas para atuarem caso se desobedecessem as ordens de destituiçom impostas polo governo espanhol.

Em 26 de Outubro, coma declararia a número dous de ERC Marta Rovira, dias mais tarde, chega a Presidência a ameaça real da intervençom do exército espanhol e a "possibilidade acima da mesa de responsabilizar o Govern dos mortos que poida haver".

a terra treme

representa após as eleiçons um 7,45% das votantes catalás críticos com o 155 e com a atuaçom policial do 1-O mas com um Pablo Iglesias que visitou Catalunha para botar em cara às forças independentistas que "reavivaram a ultradireita". Umhas declaraçons que causárom muita polémica e nem Esquerra nem as CUP perdoam.

Ciutadans converteu-se na força mais votada com 1.109.732 votos e 37 escanos (12 mais do que na anterior legislatura) e a área metropolitana de Barcelona (caracterizada pola enorme percentagem de emigraçom procedente do estado espanhol dos anos 70) deixa de ser conhecida coma *cinturó roig* ('cinto vermelho' polas alcaldias que tinha o PSC) para converter-se no 'cinto laranja' (onde Ciutadans arrasou literalmente e concentrou o seu voto), ainda que as três forças independentistas sumárom aqui cem mil votos mais do que nas eleiçons de 2015.

A aplicaçom do artigo 155 supujo em apenas mês e meio o cessamento de 251 pessoas, suprimiu 24 organismos oficiais, interveio outros 17 e derrogou 108 normas aprovadas polo Parlament

Ciutadans foi o partido que mais investiu nas eleiçons do 21-D: uns 2,1 milhons de euros

O mesmo dia em que Oriol Junqueras concedia umha entrevista à Rac1 era isolado durante cinco dias

Eleiçons anormais

Ainda com aceitaçom da cita eleitoral por parte da maioría independentista, as eleiçons estiveram tingidas de anormalidade. Primeiro, o formato escolhido: um dia laborável que obrigou às escolas de toda Catalunha a suspenderem aulas para ser sés eleitorais. A convocatória das mesmas nom a fijo o Presidente da Generalitat (como recolhe o estatuto), senom que foi Mariano Rajoy (em aplicaçom do artigo 155, convertido naquela altura em máxima autoridade de Catalunha).

O 21 de dezembro ficará na memória coletiva do povo catalám como umhas eleiçons em que muitos dos líderes de opçons independentistas tivérom que fazer campanha no exílio, em Bélgica e na prisom (5 presos e 10 exiliados) e baixo ameaças constantes, a nível jurídico e do próprio Rajoy, quem afirmou em campanha "que os independentistas já sabem agora o que podem fazer e o que nom". Sem esquecer a presença em território catalám de 5000 agentes da polícia espanhola e a guarda-civil, despregados o 1-O e que o 21 de dezembro seguiam nos barcos do porto de Barcelona.

O marco no qual correu o 21 de dezembro foi ademais em plena aplicaçom e ampliaçom do artigo 155 que em apenas mês e meio supujo o cessamento de 251 pessoas, suprimiu 24 organismos oficiais, interveio outros 17 e derrogou 108 normas aprovadas polo Parlamento.

A campanha estivo marcada também pola intervençom velada dos meios públicos cataláns que tinham proibido referir-se a Carles Puigdemont como presidente e a Oriol Junqueras como vice-presidente, e fôrom também impostos o formato de entrevista e sem nenhum debate. Medidas denunciadas polos profissionais dos meios públicos que rejeitárom "a ingerência do governo espanhol no exercício da liberdade de imprensa".

Neste cenário, cumpre destacar a importância do voto independentista: as eleiçons fôrom fabricadas para dar-lhe umha vitória clara ao unionismo que impujo as suas regras de jogo e onde

àngel garcía

as forças soberanistas jogárom em clara desvantagem tendo que recorrer muitas vezes a umha campanha virtual, de Bélgica e da cadeia. Por enquanto os partidos unionistas levárom todos os seus líderes a território catalám e destinárom grandes quantidades de dinheiro à campanha. Ciutadans foi o partido que mais investiu nas eleiçons: 2,1 milhons de euros.

A repressom seguiu-se exercendo em campanha no âmbito penitenciário e judicial: o mesmo dia que Junqueras concedia umha entrevista a Rac1 era isolado durante 5 dias e acrescentavam-se novas denúncias a alcaldes e a oito professores (por incitaçom ao odio por promover o debate nas aulas após o dia 1 de Outubro) e a polícia retirava do espaço público as marcas amarelas em apoio aos presos e ao governo no exilio.

Na área metropolitana de Barcelona as forças independentistas sumárom cem mil votos mais do que em 2015

É importante destacar que por vez primeira desde a implementaçom do regime do 78 nom se apresentou ao Parlament nengumha força declarada abertamente da ultradireita, cedendo este espaço a Ciutadans e PP para a capitalizaçom do seu voto.

Ao tempo que se contabilizavam os votos, a guarda-civil entregava ao juiz Pablo Llarena um relatório no que incluía as manifestaçons das últimas Diadas e 31 carregos públicos coma partes dum delito de rebeliom que instrui o Tribunal supremo.

Futuro incerto

As eleiçons em Catalunha deixam um panorama complicado a curto prazo para o independentismo, que soma o 47,43% de votos e 70 deputados de 135 do Parlamento. No ar ficam ainda muitas questons como a investidura de Puigdemont como presidente, ameaçado de detençom se pom um pé em território espanhol e a posta em marcha dumha República que certos sectores de Esquerra e Junts per Catalunya já contemplam a meio prazo e hipotecam a "conseguir maiorias mais amplas".

A CUP, que segundo todas as análises foi a força que mais pagou a polarizaçom do voto independentista com apenas quatro deputados eleitos, segue a ser umha peça chave e condiciona todos os apoios ao futuro governo "a que se levem a cabo açons que permitam implementar a República", em palavras do seu cabeça de lista, Carles Riera. A formaçom da esquerda independentista pediu, ademais, que formado o novo governo se constituíra umha comissom de estudo para a concreçom dos passos a dar neste sentido e outra para investigar a violência policial e a repressom do 1 de Outubro.

imagem corporativa
design web e editorial
impressom de livros e revistas
grande e pequeno formato
www.sacauntos.com

xian naia s.

Txerra Rodríguez é um bom conhecedor da realidade linguística na Galiza. Dedicado ao campo da sociolinguística e a traduçom, trabalha como técnico de êuscaro na cooperativa EMUN. Tem traduzido livros como o 'Made in Galiza' ou 'O caçador de bruxas', de Séchu Sende, para o êuscaro e gere o seu blogue pessoal sobre sociolinguística: 'Garaigoikoa'. Atualmente prepara a sua tese de doutoramento em que investiga os logros dos movimentos sociais ligados ao ativismo linguístico no País Basco.

"Nom chega com criarmos em galego ou êuscaro, devemos ser as mais originais"

Txerra Rodríguez
sociolinguista

Tés comentado que uma língua nom sobrevive apenas com escolas de imersom linguística, é necessária a combinaçom com os movimentos de base. O que achas das Escolas Semente?

Acho é um dos maiores logros do ativismo galego. Contudo, temos que ter em conta que hoje som ainda muito minoritárias e, para além disso, chegam para um intervalo de idade também reduzida. Semente tem que se desenvolver muitíssimo mais, expandir-se territorial e socialmente e atingir maior franja de idade. Ainda com isto nom será suficiente. Há que ter em conta que uma criança passa na escola o 16% do tempo que está desperta, sem termos em conta doenças pontuais. O que acontece com o outro 84%?

Quais os campos de atuaçom reais da escola?

A escola tem que ensinar, por um lado, destrezas linguísticas básicas, com todos os limites que já esbocei na resposta anterior. Por outro lado, a escola deve transmitir afetividade de cara à língua, isto é: que o galego é útil, necessário e que falar galego aqui e agora é o mais moderno que se pode fazer neste mundo.

Por último, a escola deve transmitir conteúdos socioculturais específicos, relacionados com a cultura galega como pode ser o Apalpador e outros muitos saberes e tradiçons hoje modernizadas como a regueifa.

Projetos como 'Tribo', em que nais e pais preocupadas pola transmissom do galego organizam-se para juntarem as suas crianças em parques e ruas, som fundamentais para completar esse espaço de socializaçom que nom preenche a escola. Como se tenhem socializado este tipo de práticas no País Basco?

Existem muitas práticas nas vilas bascas em relaçom com a socializaçom das mais novas em êuscaro. Em Gasteiz e em Bilbo houvo há vários anos experiências tipo Tribo, que atualmente nom está em marcha. Som experiências militantes e se a pessoa fundamental que gere os grupos nom consegue seguir, é fácil os grupos caírem.

Agora bem, surgírom diferentes iniciativas mais formalizadas que tratam o tema: por um lado, uma rede de associaçons dos tempos livres que estám a desenvolver, aqui e ali, iniciativas para a participaçom das crianças, no sentido mais amplo, em processos de socializaçom; por outro lado, há em muitas vilas grupos de nais e pais que se juntam todos os dias para falar em êuscaro entre elas, enquanto as suas filhas estám nas atividades extraescolares. Existem iniciativas, mas muito locais.

Diferentes sociolinguistas tenhem focado a atençom na figura das neofalantes como agentes fundamentais para a revitalizaçom do galego. Qual o papel que tenhem nesse processo em situaçons de conflito linguístico como pode ser o caso do País Basco ou da Galiza?

Acho haveria primeiro que fazer uma crítica ao conceito de neofalante. Demasiadas vezes é considerada como a pessoa que aprende ou começa a falar êuscaro ou galego na idade adulta. Esquecemos que praticamente todas as pessoas alfabetizadas somos neofalantes dum modo ou outro.

Feita esta pequena crítica, as neofalantes som absolutamente necessárias na Galiza e em Euskal Herriak. Nestes momentos, está-se a preparar

> Há que ter em conta que uma criança passa na escola o 16% do tempo que está desperta, sem termos em conta doenças pontuais. O que acontece com o outro 84%?

um programa no qual vam participar todas as organizaçons do movimento social em favor do êuscaro e todas as instituiçons públicas deste país, para durante 11 dias ativas todas as euscaldunas. Mas, nom apenas isso, também se criou uma figura chamada *belarriprest* (ouvido pronto), que som pessoas que entendem o êuscaro mas tenhem dificuldade para falá-lo. Nesta dinâmica as pessoas neofalantes som as protagonistas e som a única forma que temos para aumentarmos o uso dos nossos idiomas.

A sociolinguística basca está muito influenciada pola teoria da aprendizagem da língua de Sánchez Carrión, 'Txepetx', que baseia na motivaçom, a percepçom e o uso. Caso aplicarmos isto, as neofalantes de galego, com umha aprendizagem secundária, chegariam da motivaçom para o uso. A pergunta é: como se cria a motivaçom, "interesse e razons por aprender", na língua menorizada nesta situaçom de conflito linguístico?

Caso ter a resposta, iria às carreiras para a oficina de patentes forrar-me (depois arrependeria-me e poria baixo licença livre). Brincadeiras à parte, é essa a grande pergunta à que coletivamente devemos dar resposta praticamente todas as comunidades de falantes de línguas menorizadas.

Podo esboçar algumha resposta referente ao caso basco, nom sei se podem ser extrapoláveis à Galiza. Até agora, o motor da motivaçom no caso basco foi o que podemos chamar a etnicidade. Isto é, o motor da motivaçom no caso basco foi fundamentalmente o giro copérnico do nacionalismo basco na década de 60. Até esse momento a religiosidade e o sangue (o apelido, se se quer) eram os traços que o nacionalismo colocou no centro do 'ser basco'. Nos anos 60, esses conceitos fôrom totalmente aniquilados. Assim, umha nova geraçom di que nom, que o centro diferencial do basco é a língua. Dentro dum contexto de enorme emigraçom, colocar a língua no centro é um ato de inclusão e a persecuçom do êuscaro por parte do franquismo conferiu ao idioma uma aura de resistência que chegou praticamente até hoje (é pouco habitual que entre unionistas haja pessoas que falem êuscaro).

> Há em muitas vilas grupos de nais e pais que se juntam todos os dias para falar em êuscaro entre elas, enquanto as suas filhas estám nas atividades extraescolares

Essa motivaçom foi de grande ajuda e trouxo-nos até aqui, mas acho está acabada e nom pode ser a motivaçom que enganche a mocidade basca. Devemos procurar outras que movam a moinho da recuperaçom, porque falar êuscaro (e galego) na maior parte dos casos implica um esforço extra e apenas umha parte da populaçom será determinante. A maioria adequará-se (sem contar com minorias que atuarám à contra). O que moverá essa minoria? Razons identitárias, com certeza, mas também estéticas, de distinçom cultural e razons ecológicas com a ideia de fundo da diversidade lingüística mundial, a começar pola própria.

É necessária a implicaçom das instituiçons no processo de naturalizaçom linguística? Como é que se poderiam implicar?

As instituiçons seguem a ser hoje fonte de poder e como tal haverá que seguir a pressionar para tratar de incidir nas suas políticas públicas. Mas seria um erro achar que a implicaçom das instituiçons é o objetivo principal do processo de revitalizaçom. Nom: as leis por si próprias nom produzem mudanças sociais se nom existe supremacia social e cultural.

Por esta razom, acho o principal objetivo do ativismo linguístico deve ser fortalecer-se. Para isto deverám-se criar muitas cousas, todo isto seguindo exemplos como as Semente e os centros sociais: nom aguardar e fazer. Procurar cumplicidades, autogestom, apoios.

Duas oportunidades que o ativismo linguístico galego deve aproveitar.

Acho o próprio ativismo galego é maior de idade e os participantes do mesmo deveriam ser quem marquem as suas próprias oportunidades e reptos. Agora bem, perguntas-me e é responsabilidade minha tentar dar resposta.

Primeiro, acho é hora de que o ativismo linguístico galego supere a divisom ortográfica, nengumha das duas correntes pode aspirar a umha total hegemonia a curto prazo. Portanto, acho é o momento de chegar a um acordo, acordar relaçons de convivência a curto e meio prazo.

Segundo, acho o ativismo linguístico galego deve baixar à comunidade e criar estruturas locais que gerem novas formas e novos referentes. Por exemplo, meios de comunicaçom locais em galego, ou associaçons dos tempos livres que sejam ademais o mais vanguardistas quanto à relaçom com as crianças. Nom podemos esquecer que nom chega com criarmos em galego ou êuscaro, devemos ser as mais originais e as mais autênticas. Qualquer cousa que nasça de abaixo, autogestionada e com o máximo apoio social.

Pessoal de Matinsa reclama a revisom do contrato que gere o Consórcio Provincial contra Incêndios de Ponte Vedra em dezembro
CIG

REMUNICIPALIZAÇOM A DEBATE /

O sequestro do público

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

Durante a crise de 2008, as companhias privadas intensificárom o assalto aos serviços públicos através das concessons. Por se nom for abondo, os 'lobbies' empresariais presionárom as administraçons para influir ao seu favor à hora de desenhar as políticas legislativas. O arquiteto e ativista Xosé Allegue aponta para a remunicipalizaçom como a melhor via para garantir uns serviços públicos de qualidade.

O assalto ao público entrou na ordem do dia dos plenos municipais trás estourar a bolha imobiliária. Nesse estratagema os líderes políticos jogárom um papel essencial, em especial os pertencentes ao Partido Popular. O PP de Madrid, com Esperanza Aguirre ao timom, aprovou em 2008 umha ponência que chamava diretamente à gestom privada dos serviços públicos da educaçom, saúde, serviços sociais e segurança. Nesse mesmo ano, aprovárom umha norma que lhes facilitaria o caminho para privatizar a empresa que gere o ciclo integral da água em Madrid, a firma Canal de Isabel II. Após a pressom social, a tentativa privatizadora ficaria na criaçom dumha sociedade anônima com acionariado público encarregada de gerir esta empresa. Um passo suficiente para criar umha opacidade facilitadora do saqueio e corrupçom do serviço, tal e como demostra a operaçom Lezo.

O caminho nom foi diferente na Galiza. O nosso é o único governo da Península Ibérica que mantém privatizado o serviço de extinçom de incêndios e de urgências através dos consórcios provinciais que financiam a Junta e as quatro deputaçons. Este mapa, em que as empresas se repartem os parques comarcais, iniciou-no o popular Manuel Fraga e rematou de desenhar-se em 2010 com a incoporaçom da deputaçom de Lugo, naquele momento com o socialista José Ramón Besteiro ao cargo.

A empresa Veicar, que vendia veículos à Junta, é a encarregada de gerir a dia de hoje 12 parques de bombeiros. Seganosa e Matinsa, filial de Fomento de Construcciones y Contratas, constituem outras das companhias que controlam este serviço público. Esta última empresa, controlada por Esther Koplovitz e Carlos Slim, é conhecida polas precárias condiçons laborais às que

A má prestaçom do serviço público está estreitamente vinculada com a sua concessom ao interesse privado

"Certos setores tenhem capacidade para colonizar e influir ao seu favor nas políticas legislativas", di Xosé Allegue, ativista pola remunicipalizaçom

expom aos trabalhadores. Sem ir muito longe, os bombeiros de Ponte Vedra, com o liderado dos do Morraço, fôrom à greve no verao passado porque, entre outras vulneraçons, existiam baixas de mais dum ano que nom estavam a ser cobertas.

Remunicipalizaçom vs. corrupçom

A corrupçom, a precariedade laboral e, portanto, a má prestaçom do serviço público estám estreitamente vinculadas com a sua concessom ao interesse privado. Este vínculo, e nom os critérios puramente económicos, é a razom fundamental pola que o ativista Xosé Allegue defende a remunicipalizaçom. "A corrupçom enontra-se muito nos processos de contrataçom pública"; explica. Seguindo com o exemplo das urgências, a Audiência da Corunha está a investigar se houvo amanhos na adjudicaçom do concurso de ambulâncias da Fundaçom Pública Urgências Sanitárias da Galiza 061 no ano 2014.

A perversom do assalto que protagonizam as empresas privadas para fazer negócio com a adjudicaçom dos serviços públicos agudiza-se quando topamos com as elites extrativas e a captura da lei. O conceito de elites extrativas aplica-se a aquelas que se afastam da obtençom do bem comum e centram os seus esforços no interesse próprio e o bem-estar do grupo ao que pertencem. Nessa mesma lógica de *lobbies*, move-se o conceito da captura da lei que Allegue explica como a "capacidade de

GESTOM DO TRABALHO REPRODUTIVO /

Municipalizaçom dos cuidados e autogestom do comum

À hora de gerir um serviço público, as empresas costumam acudir sempre à água e o lixo por ser onde se fai mais negócio. Razom pola que se aborda a gestom pública direta destes serviços mas nom de outros que resultam igualmente essenciais para o desenvolvimento da vida quotidiana.

Nessa via ainda pouco caminhada encontram-se várias experiências do concelho de Barcelona. Nos últimos dous anos o governo de Ada Colau, com a pressom das CUP, municipalizou os Pontos de Informaçom de Atençom às Mulheres (PIAD) e o Serviço de Atençom, Recuperaçom e Acolhida (SARA). As 55 trabalhadoras dos dous serviços passárom a incorporar-se à concelharia de Feminismos e LGTBI, 51 indefinidas e quatro interinas. Nos últimos meses, também remunicipalizarom três centros da infância que fôrom privatizados com Xavier Trias, da antiga Convergència.

No livro *Reclamar serviços públicos*, coordenado por Satoko Kishimoto e Olivier Petitjean, e editado por

O concelho de Barcelona municipalizou dous serviços de atençom às superviventes de violência machista com 30 trabalhadoras e 4 interinas

o Transational Institute (TNI), aponta-se que os serviços públicos nom passam a ser perfeitos apenas porque sejam públicos. A insatisfaçom, malas condiçons laborais ou custos adicionais também podem estar presentes, mas ainda assim a "experiência global demonstra que a privatizaçom geralmente nom cumpre com as suas promessas". Ambos coordenadores reivindicam a remunicipalizaçom como a capacidade de volver introduzir o compromisso do bem comum e público, o compromisso com o acesso universal em contraposiçom com a procura de benefícios dos provedores privados.

economia

certos sectores para colonizarem e influirem no seu favor dentro das políticas legislativas das diversas administraçons". Em resumo, as grandes empresas conseguem que a legislaçom seja redigida para favorecer os seus próprios interesses e legalizar os seus métodos de obtençom e acumulaçom de riqueza. Um exemplo é a lei hipotecária. "Pagas o 80 por cento de umha propriedade, acumulas dívidas e a lei facilita que o banco fique com a propriedade mantendo a dívida viva? É um latrocínio legal! E a daçom em pago? Umha esmola!". Poderia-se pensar que neste assalto ao público, os sequestrados som só os serviços públicos mas resta ainda outro grupo de vítimas: as clientas cativas.

A clientela cativa

O direito a água potável e ao saneamento está reconhecido por múltiplos organismos internacionais, por exemplo, a ONU. Sustém este organismo que o acesso a água deve ser universal, pois é "indispensável para umha vida humana digna". Por exemplo, em Vigo existem perto de 293.000 pessoas que todos os dias tenhem acesso a água, um serviço que nem é gratuito nem dispom dumha gestom direta pública. O serviço municipal de água está gerido por Viaqua, com um contrato que se iniciou no ano 1997 e que rematará este 28 de fevereiro. "É o negócio perfeito, tés umha clientela fixa que che paga todos os meses", afirma Allegue.

No mundo do *marketing*, chama-se 'clienta cativa' a aquelas pessoas com umha fidelidade forçada á hora de consumir, bem seja através dum contrato ou pola falta de opçons que acheguem diferenças reais. Ademais de nestes casos, ocorre também no sector das telecomunicaçons quando algumhas empresas che obrigam a assinar contratos de permanência.

Para poder beneficiar-se da 'clienta cativa' sem ter que dar demasiadas contas, a Administraçom elabora uns pregos de contrataçom em que nom se coloca o investimento necessário para a manutençom do serviço. A rede pública de água em Compostela cifra umhas perdas do 30 por cento, que constituem muitos litros de água ao ano.

> A recuperaçom da gestom pública dos serviços também se estabelece como umha oportunidade para alcançar mais soberania sobre os próprios recursos

Outra das claves é o cheque em branco para aplicar políticas tarifárias que pode variar e subir o custe do serviço. Se nom o pagas, nom tés acceso. Por exemplo, no transporte público abonas umha tarifa que dá benefício à empresa adjudicatária. Lança-se aqui umha pergunta, por que nom se aceita que um serviço essencial pode ser deficitário?

Por último, Allegue defende a recuperaçom da gestiom pública dos serviços como umha oportunidade para atingir mais soberania. "Aproveitar os recursos hídricos dum município poderia facilitar o caudal ecológico das fontes com as que se poderiam abastecer os núcleos rurais sem o artifício do bombeado".

Como remunicipalizar um serviço?

Existem três formasde recuperar a gestiom municipal dum serviço umha vez remate o prazo da concessom, bem seja através dumha empresa mista, umha empresa pública, bem a mesma gestiom direta, em que a gestiom e a titularidade som umha. Para percorrer este caminho Allegue vê fundamental ganhar os governos e ganhar terreno dentro da capacidade legislativa. "A desobediência civil é um direito também dos responsáveis políticos". O que nom pode ocorrer, segundo ele, é chegar a um governo prometendo mudá-lo todo e depois "comer com patacas" o compromisso. "Há que ser valente".

NUTRIMOS AS TÚAS IDEAS!
audiovisual | fotografía | animación | deseño | formación
www.illabufarda.gal | info@illabufarda.gal
ILLA BUFARDA

pilar abades

o bom viver

sexualidade / Um jogo... / **27**

cultura / Adrián Vilas / **28**

Povoados sem povo

Durante o franquismo, as empresas do régime construírom povoados que albergariam os trabalhadores das centrais hidroelétricas ou das exploraçons mineiras, onde viviam pagando um aluguer até a sua jubilaçom. Atualmente, a grande maioria encontram-se abandonados, se bem há algum exemplo de reabilitaçom, como o antigo povoado mineiro do Fontao, em Vila de Cruzes. O arquitecto Bieito Silva medrou nas Conchas, em Bande, umha aldeia em que as famílias dos povoados rematárom construíndo a sua vivenda. Silva começou a estudar em profundidade estes povoados industriais a raíz de um trabalho de fim de estudos, no que inclui um projeto para a reabilitaçom do povado das Conchas. página **24**

Devolver os povoados ao povo

raquel cecilia perez
raquelceciliaperez@novas.gal

A meados do século XX as empresas do regime franquista constroem povoados para os trabalhadores das centrais hidroelétricas ou das exploraçons mineiras. Hoje, muitos deles estám abandonados.

Internet nom devolve demasiada informaçom sobre os povoados industriais na Galiza. Quando Bieito Silva decidiu centrar o seu trabalho de fim de mestrado nestas construçons nom topou umha bibliografia relevante para o seu estudo. Os povoados som pequenas urbes, completamente equipadas com centros de saúde, economatos, bares, pequenas escolas, praças e umha igreja. Muitos deles som e fôrom filhos da planificaçom económica do franquismo. Em 1941 funda-se o Instituto Nacional de Indústria que criará e administrará empresas públicas destinadas à exploraçom de recursos e construirá distintas infraestruturas: estradas, linhas ferroviárias, plantas térmicas e hidroelétricas. A procura do desenvolvimento dum tecido industrial vem acompanhada da edificaçom de soluçons habitacionais para umha populaçom ativa que, muitas vezes, tem que se mover forçosamente para o lugar de trabalho. Desenham-se e constroem-se assim os chamados povoados.

A maioria dos modelos destas contruçons derivam, paradoxalmente, do estrangeiro. Os seus arquitetos miram de esguelha para as Industrial Village inglesas, as Garden City ou as Company Town americanas. Cada empresa cria o seu modelo próprio de povoado, dependendo das necessidades. Entendia-se ao ser humano como mais um elemento da fábrica e os povoados formavam parte do recinto das mesmas. Estes assentamentos eram da ditadura franquista. Na Galiza, Fenosa edificará vários destes núcleos, sempre ao lado dalgumha das suas centrais hidroelétricas e encoros.

As pessoas que viviam nestas casas faziam-no em regime de aluguer. Muitos destes povoados desenvolvêrom um irmao gémeo: casas construídas polas famílias que habitavam os povoados. Isto vem motivado porque, como explica o arquiteto Bieito Silva, "a ti garantiam-te a vivenda até que te jubilaras, mas tampouco o sabias". A situaçom podia mudar de repente. Entom, "muita gente, antes de efetuar umha inversom nestas casas -como arranjar um telhado- construiam a sua própria vivenda". As Conchas, povo onde passou parte da sua infância, casa materna e onde vive a sua avó, é um exemplo deste fenómeno que tivo lugar na Galiza a partir da década de 40.

Bieito Silva: "A ti garantiam-te a vivenda até que te jubilasses, mas tampouco o sabias"

Blocos de vivenda do povoado de O Fontao, em Vila de Cruzes.
pilar abades

Alguns destes povoados, como O Fontao em Vila de Cruzes, fôrom reabilitados

O encoro das Conchas e as lembranças das suas ocupantes

Na auto-estrada das Rias Baixas, trás o seu passo por Ourense e depois de deixar o polígono de Sam Cibrao às suas costas, topa-se o desvio para a AG-31. Seguindo o traçado destas estrada passamos Celanova, Bande e Os Banhos de Sam Xoám. Um sinal ao borde do asfalto indica a entrada aos restos do acampamento romano Aquis Querquennis. Este enclave, situado perto da beira do Límia, foi visitado em 1921 polos ourensanos Ramón Otero Pedrayo, Florentino López Cuevillas e Vicente Risco, quem começariam a exploraçom do lugar arqueológico.

A Guerra Civil impediu que os trabalhos arqueológicos prosperassem. O governo franquista planificou a construçom dum encoro, que empregaria as águas do Límia na produçom de energia dumha central hidroelétrica. Em 1948, o ditador Francisco Franco, inaugurava o encoro das Conchas. Baixo as águas quedavam restos do povo dos Banhos de Bande. A sua igreja foi trasladada, pedra a pedra, ao lado da estrada. Destino similar sofrêrom as aldeias de Aceredo ou Buscalque, separadas por apenas vinte quilómetros das Conchas. O filme *Os días afogados* narra o enterro das suas casas baixo as águas do encoro de Lindoso em 1992.

Ao lado do encoro das Conchas topa-se o povoado do mesmo nome e a aldeia homónima. A aldeia está hoje habitada, ainda que muitas vizinhas e vizinhos nom empreguem as suas casas como primeira residência, e acudam tam só durante as férias. O povoado envelhece quase vazio, com a exceçom dumha das vivendas. Parte da vizinhança, sendo consciente de que com a jubilaçom de Fenosa chegava também o fim do contrato de aluguer para as suas famílias, deixárom as casas da empresa. Da estrada nom é doado perceber a silhueta dalguns dos seus edifícios, a mansom dos altos cargos, o economato ou o centro de saúde.

Bieito Silva começou a estudar em profundidade estes povoados industriais a raiz dum trabalho de fim de estudos para o Mestrado em Meio Ambiente e em Arquitetura Bioclimática. Perante esta tarefa de propor a reabilitaçom de um núcleo, Bieito decidiu investigar o fenómeno do despovoamento na Galiza. “Nom há que esquecer”, incide, “que o projeto é de arquitetura”. Nom se tratava de paliar esta problemática dum ponto de vista sociológico, “senom arquitetónico”. Dentro da grande quantidade de núcleos abandonados “tratei de eleger um que me permitisse umha intervençom mais sustentável e económica”. Os povoados industriais apresentavam a vantagem de estar formados por vivendas idênticas nas suas dimensons e materiais de construçom. “E também no deterioro que apresentam”, assinala, “isto fai que a reabilitaçom seja mais singela do que um núcleo de casas tradicionais de pedra, com distinta tipologia e nível de conservaçom”.

Vista do povoado de O Fontao, em Vila de Cruzes.
pilar abades

Bieito começou o estudo do que melhor conhece: o povoado das Conchas. A sua proposta nom contemplava a simples reabilitaçom das edificaçons. Outro dos problemas que topava na hora de recuperar a vida- urbanisticamente falando- para um povoado radicava na falta de serviços ou oportunidades laborais no seu entorno. Por isso, no seu trabalho, quijo dar mais um passo e propor a reconversom dum dos edifícios do povoado das Conchas, "um chalé para engenheiros que iam de visita de jeito pontual", transformando-o num centro de dia. "Converter a metade das vivendas para que residam famílias", relata, "e a outra parte das vivendas para pessoas da terceira idade que se podem desenvolver por si próprias até certo ponto". Estas últimas beneficiariam-se da proximidade dos banhos termais da zona, dum entorno natural, e seriam atendidas pontualmente polo centro de dia. Tratava-se dumha proposta no papel, mas também dum convite para a procura de soluçons ao despovoamento do rural.

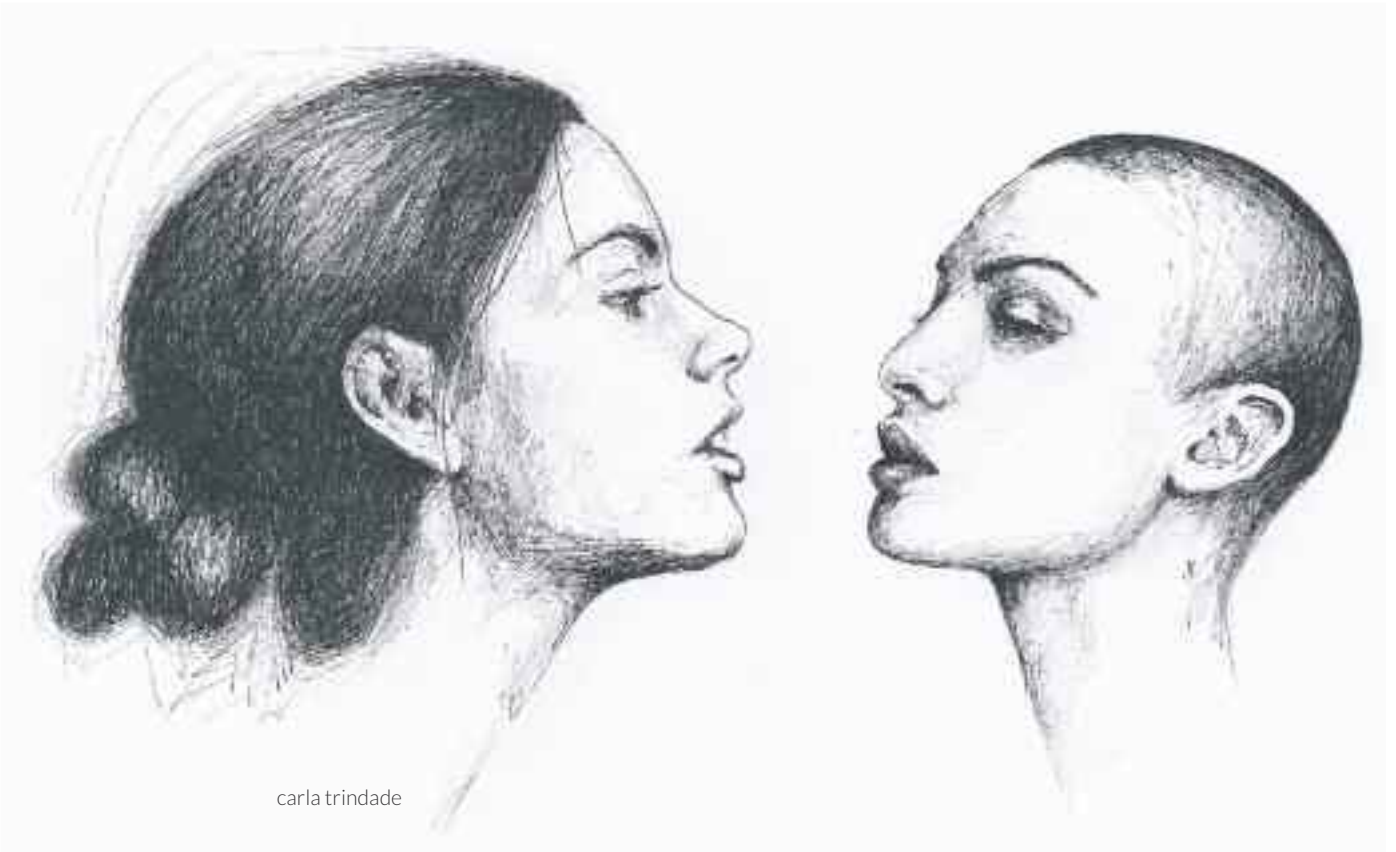
Exemplos de recuperaçom: o povoado mineiro do Fontao

Dentro do seu labor de investigaçom o arquiteto estudou e visitou povoados que já foram reabilitados. Um deles foi o dos Peares. Outro o do Fontao, situado no concelho de Vila de Cruzes. Neste povoado residírom os trabalhadores dumha mina de volfrâmio que estivo em funcionamento entre 1934 e 1963 e entre 1968 e 1973. "Este povoado foi reabilitado e as casas- administradas agora pola Junta da Galiza- som agora vivendas de aluguer social", conta Bieito, "a sua visita é umha experiência muito interessante".

Este povoado mineiro, na época de máximo esplendor, chegou a contar com salas de cinema. Os seus anos de máxima produçom coincidem com a II Guerra Mundial e com a Guerra de Coreia. A mina fechou definitivamente em 1974, trás o qual o povoado ficou em estado de abandono. Arredor da riqueza do povoado nesses anos florescêrom negócios: padarias, tendas de ultramarinos, umha sala de dança e um campo para a equipa local, o Minas Clube de Futebol. Na mina de Santiago do Fontao trabalhariam forçosamente presos políticos do franquismo, entre eles o anarco-sindicalista pontevedrês Desiderio Comesaña.

O projeto de reconstruçom do Fontao foi obra do Instituto Galego de Vivenda e Solo e inaugurado no ano 2005 polo, na altura presidente da Junta da Galiza, Manuel Fraga Iribarne. No 2012, o edifício da igreja, o antigo auditório, e as escolas fôrom também reformadas para acolher o Museu da Minaria do Fontao. Nele guardam-se as lembranças do passado mineiro do povoado. Passado que segue latente no exterior em forma de numerosos barracons abandonados e nos letreiros em vermelho que lembram a perigosidade de passear por um lugar onde se praticou a minaria subterrânea e a céu aberto. As moradas topam-se numha zona de forte pendente que desce até o leito do rio Deça. Vários edifícios, entre eles o do antigo máximo cargo da mina, continuam abandonados detrás de cancelas oxidadas. Mas no povoado volta haver vida. A decoraçom exterior mostra o intento de apropiaçom das pessoas que o habitam. As flores, as figuras de barro, as caixas do correio, tentam dar personalidade própria às casas que, por outra banda, som exatamente iguais umhas do que as outras.

Na mina de Santiago do Fontao trabalhariam forçosamente presos políticos do franquismo, entre eles o anarco-sindicalista pontevedrês Desiderio Comesaña



carla trindade

Um jogo desgenerado de empoderamento erótico

mai ínsua
@pracerparatodas

Para este momento vou oferecer-nos um quarto próprio (que é importante) e um jogo. Como é nosso, sabes que podemos estar e fazer nele o que quigermos; como estarmos juntxs ou contar-nos algumhas cousas básicas, como quando despregamos um jogo de mesa e acordamos as regras. Por exemplo: "que tal estás para que compartamos o quarto? Há algo que seja mais importante para ti ou queiras que eu saiba?". Assim ambxs compartilharemos a informaçom e vamos criando regras. "Tés algum desejo ou algo que che apeteça fazer?" Há algo que nom queiras que suceda?" Isto último, com certeza, fica fora do quarto, se nom nom seria um jogo! E nós estamos aqui para desfrutar! Para desfrutar muito, de facto, e para isso o primeiro e indispensável é sentir-nos bem: com bom trato, boa vibra, confiantes e seguras.

Podemos tomar o quarto como um contato erótico entre ti e mais eu, esse onde somos conscientes um do outro e compartilhamos umha comunicaçom visual, verbal... física, diferenciada da qual estamos a partilhar com outras pessoas e com elementos de desejo, fantasia, seduçom, exitaçom, prazer, intimidade, curiosidade, jogo... Um jogo do momento que pode ir mudando, ser sempre o mesmo ou diferente a cada vez.

Para este jogo, temos o quarto com umha luz muito ténue e cálida, onde vemos os nossos corpos mais como se vê com a luz das candeias do que a luz do sol. Temos duas lanternas e as paredes do quarto cheias de imagens. Ligamos as lanternas para iluminar o chao, a distância com a que nos sentimos cómodas para jogar: pode ser a distância que fica entre tu e mais eu se estiramos os braços e de aí, jogar à seduçom, a aquecer-nos sem tocar-nos, a excitar-nos para fazer-nos palpitar e molhar-nos, a dançar uma frente a outra ou a masturbar-nos cada quem a si própria. Ou pode ser a distância em que sentimos as nossas respiraçons, para narrar-nos todo o que nos excita dx outre, todo o que estamos a fazer-lhe na nossa imaginaçom. Pode ser que escolhamos um jogo corpo a corpo, em que tocar-nos, mover-nos, morder-nos, esfregar-nos... e sentir o corpo da outra por todas as partes do meu.

Com a luz da lanterna alumiamos as partes dos nossos corpos com as quais, aqui e agora, queremos brincar. Pode ser que eu ilumine apenas os meus beiços, porque gosto imenso de beijar, lamber, dizer-nos, gemer, sentir-te, respirar em mim e porque quero dedicar toda a minha atençom a saborear-te. Pode que tu alumies o teu corpo e eu use a minha boca para percorrer-te, sentir-te e estimular-te. Ou pode que te ilumines a pele com a roupa interior posta, porque hoje nom queres jogar com os teus genitais diretamente ou porque nom te sentes confortável com essa parte do teu corpo, ou queres ser só tu quem a toque. Pode ser que se amanhã voltamos ao quarto queiramos penetrar-nos com dildos artesanais de cores e curvas feitas para gozar. Todo está bem! Este é o nosso quarto próprio, com acordos próprios que figemos para desfrutar muito.

Que bom que no nosso quarto cuidamos mais os acordos que num jogo de mesa, nom é? Gosto muito de como fazemos isto. Quero seguir fazendo-o!

Adrián Vilas
jornalista especializado em documentários de natureza

ena barbazán

“Há **animais** com **comportamentos raros** dos quais nada se sabe”

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

O picanço vermelho, um pássaro algo maior do que o papo-ruivo, espeta as suas presas nos espinhos dos arbustos para depois ir comendo-as devagar. Singularidades do comportamento animal coma esta resultam-nos desconhecidas embora se podam observar em zonas do interior da Galiza. Aos seus 28 anos, o jornalista Adrián Vilas tem realizado documentários de natureza para a BBC e atualmente trabalha para a televisom pública holandesa, um labor que conjuga com a investigaçom e a gravaçom da fauna e flora na Galiza.

Decides dedicar-te ao documentário de natureza após o conflito social polo projeto mineiro de Corcoesto. Como chegas a esse ponto de inflexom?

Sempre tivem esse germolo, mas nom através de umha ótica puramente ecologista senom vinculada com o rural. Vivim o conflito da mina de Corcoesto trabalhando na Radio Galega e foi algo que me marcou. Vim a cara mais amarga detrás da natureza, do perigo para os processos ecossistémicos aos efeitos sobre a água, num meio público com a visom hegemónica do governo. A gente nom tinha cabida, nom se emitia a opiniom pública. Por isso optei polos documentários, para dar-lhe voz à gente que nom a tem e às árvores e aos animais, que tampouco tenhem voz.

Como decides formares-te no estrangeiro?

Marcho para Bristol, Inglaterra, para realizar um mestrado em colaboraçom com a BBC onde botei dous anos. Queria seguir ligado a um meio público e a BBC conta com o respeito e um nome detrás.

Quais diferenças encontraste entre a Rádio Galega e a BBC? Por que aqui nom podemos ter um meio público como o britânico?

(*sorri*) É outro mundo, e nom só como meio de comunicaçom senom como cultura democrática. Com certeza que também existe a manipulaçom, mas existe certo respeito pola audiência. As opinions e a verdade respeitam-se. Isto tem a ver com a cultura democrática, outros processos e órgaos que nom existem aqui. É o mais parecido ao que pode chamar-se

ena barbazán

"Vivim o conflito de Corcoesto na Rádio Galega, onde nom se emitia a opiniom pública, razom pola qual decidim dar-lhe voz aos que nom a tenhem"

meio democrático. Também disponhem de mais recursos, umha tradiçom enorme e dinheiro para desenvolver o que se precisar. Já a um nível mais pessoal, participei dum projeto com mais de 100 pessoas durante um mês fazendo um programa em direto. Todas as pessoas dispunham de carro, três comidas e casa, mas trabalhavas doze horas diárias. Tampouco topas a chamada cultura do funcionariado.

Em que projetos trabalhaste?

Para a BBC, a BT -também britânica- e para produtoras pequenas. Fai pouco estivem a gravar com umha produtora mexicana baleias na baixa zona de Califórnia. Agora, estou a trabalhar em Holanda com a televisom pública desse país e para o ano tenho programado realizar documentários de natureza para o cinema. A maiores, em Amesterdám, dou aulas de operadora de câmara para umha academia de ciclos de cinema e ediçom. Também sigo vinculado com a Radio Galega através de colaboraçons com o programa *Convivir*.

Nom pensaste em voltar para a Galiza?

Nom há um só dia em que nom o pense. Nom tem que ser um privilégio viver na tua terra. Como som *freelance*, às vezes decido nom colher trabalho e aproveito esse momento para trazer no carro o meu próprio equipo desde Holanda até aqui. Vou gravando coisas por Galiza. Ainda nom busquei apoios, poderíamos dizer que estou na etapa de pré-produçom, de investigar. A forma de sacá-lo adiante é falando com a gente dessa zona que che di aqui há um pássaro com um comportamento pouco habitual. Por exemplo, em zonas do interior, está o picanço vermelho que é algo maior do que um papo-ruivo e come desde escaravelhos, roedores a outros pássaros pequenos. Cria em árvores e sebes perto dos prados e o que fai é espetar as suas presas nos espinhos de árvores tipo pereira brava. Crava aí ao pássaro, rato ou escaravelho e vai-no comendo.

"Na Galiza existem duas regions climáticas polo que a fauna e a flora é impressionante, mas está em decadência porque nom poderíamos maltratá-la mais"

Há animais com comportamentos dos quais pouco se sabe e que seriam mui interessantes de gravar. Na Galiza existem duas regions climáticas polo que a fauna e a flora é impressionante, mas está em decadência porque nom poderíamos maltratá-las mais. Aqui há histórias que desenvolver e muita matéria-prima. Coma sempre, falta a infraestrutura. Nom é nada que nom se poda superar com ganas, tempo e muitas vezes com trabalho de balde. É triste que tenha que ser assim. Cada vez que saco o carro com o meu equipo perdo dinheiro, mas é a minha paixom. O dia de amanhá se podo achegar-lho às pessoas... Há que conhecer a natureza para poder desenvolver o afeto, a curiosidade e vê-lo com outros olhos.

Que relaçom tenhem os documentários com o valor que lhe damos à natureza?

Nom há interesse e a nível social nom existe umha educaçom ambiental potente. Os documentários de natureza tocam-nos em muitos níveis diferentes. Nom falo de conhecer todos os nomes dos pássaros senom de valorar a vida. Saber que esta ave é boa para esta e outra praga ou que vivemos num ecossistema que é muito complexo, umha sopa de químicos. Temos que saber interpretar os sinais do planeta porque nos vai afetar.

O mais preocupante é que desconectemos com o mundo em que vivemos. Nom podemos dar por feito que imos ter água limpa para viver e um solo que nos proporcione alimentos e logo formar parte do consumo e da depredaçom. Há muitíssimas conexons. Se nom atendermos esses sinais, e nom nos achegarmos um pouco mais, teremos problemas sérios. Viu-se

ena barbazán

"Por exigências da narrativa às vezes criam-se personagens mas um depredador nom é pior do que um herbívoro. Nom se deve dulcificar a natureza"

com os incêndios, a seca... Há ciclos que regulam a água e temos que cuidar todos os passos. As fragas tenhem que estar vivas. Galiza vai estar num ponto de vista dramático nesta mudança global, nom só climática, sobretudo no sector primário.

Através do teu trabalho observaste diversos povos e a sua relaçom com a natureza. Qual é a relaçom da Galiza com o seu meio ambiente comparada com outros territórios?

Somos umhas privilegiadas. A nossa relaçom com o campo ainda está aí. Em Holanda, onde vivo, existe umha cultura urbana avançada onde nom se tem esse aceso à natureza. No rural continua esse espírito de comunidade que é imprescindível para sacar adiante projetos. De pequeno mamei essa comunidade e quero recuperar isso.

Resulta curioso que quando gravei o documentário *Pounding Hooves*[1] e falei com os índios pés negros, pensava no meu avô e avó. Sempre me chamou a atençom como pudérom superar esse desvencelhamento cultural. A sua cultura foi anulada rapidamente, nom como aqui onde a colonizaçom transcorreu lenta. Identifiquei os pés negros com os meus avôs aos que lhes obrigavam falar em castelhano, que fôrom para a cidade e topárom-se vivendo num mundo que nom era o seu.

Cumpre revertermos a nossa relaçom com o meio e recuperar essa espiritualidade. Nom falo de ir em aventais senom de recuperarmos conceitos e usá-los. Caminhar por acima do sistema triste em que nom

"Quando gravei os índios pés negros identifiquei-nos com os meus avôs aos que lhes obrigavam a falar em castelhano, que fôrom para a cidade e encontrárom-se vivendo num mundo que nom era o seu"

há espaço para a imaginaçom nem a criatividade. Quando nos quitam isso, quando nos desnaturalizam, só resta o cinzento. Miramos para o monte quando arde. Quando o pisamos? Quando nos preocupamos polo monte? No oeste já nom existe o outono, nom importa que roubem o outono? Dirám, mira este rapaz que poeta, mas a realidade é que as folhas nom caem. Muitos falam da Galiza verde, mas já nom é assim.

Quais mecanismos deve ativar a comunicaçom para produzir essas mudanças sociais? Através de documentários?

Nom existe umha receita única. Há quem presenta um pássaro bonito e explica que cumpre ter cuidado com esse habitat porque senom vai morrer, os documentários da BBC que optam polo espetáculo -a baleia mais grande do mundo!-, os que optam polo catastrofismo ou os mais académicos. Todos som válidos sempre que nom se caia no Disney, em dulcificar a natureza. Por exigências da narrativa por vezes creiam-se personagens mas um depredador nom é pior do que um herbívoro. Todos estám aí por umha razom.

Devemos fugir de termos como más ervas ou vegetaçom rasteira, o monte nom está nem sujo nem limpo. Estám aí por umha razom legítima. Devemos ter umha visom mais completa. Por exemplo, o doméstico nom é o carácter natural dum animal. As colónias felinas devastam a contorna, matam todos os pássaros. Os animais devem ter direitos mas nom podemos sobrepor uns sobre outros. A reflexom sobre a nossa relaçom com os animais ainda é umha tarefa pendente.

1. *Pounding Hooves* é umha curta documental de 12 minutos que reflexiona sobre a reurbanizaçom e a convivência com a natureza através dos olhos dos povos indígenas e cientistas de América do Norte e Europa. Data do ano 2015 e está escrita e dirigida por Adrián Vilas.

CENTROSOCIAIS

COMPOSTELA/
O PICHEL
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez

VIGO/
A COVA DOS RATOS
Romil
DISTRITO 09
Coia
FAISCA
Calvario
A REVOLTA DO BERBES
Rua Real
CSOA A QUINTA DA CARMINHA
Rua do Carme

OURENSE/
CSO A KASA NEGRA
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

PONTE AREIAS/
CSA O FRESCO
Bairro da Ponte

RIBEIRA/
CSA O FERVEDOIRO
Rua Mendes Nunes

LUGO/
ATENEO LIBERTARIO A ENGRANAXE
Rio Sil
CS MADIA LEVA
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

A CORUNHA/
CS A COMUNA
Verea do Polvorim
CS GOMES GAIOSO
Monte Alto
ATENEO XOSÉ TARRÍO
Bairro dos Malhos
CSOA A INSUMISA
Beiramar

FERROL/
CS ARTÁBRIA
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLAN
Magdalena

NAROM/
CS A REVOLTA DE TRASANCOS
Alcalde Quintanilla

A GUARDA/
O FUSCALHO
Frente a Atalaia

PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO TERRA
Boa Vista
CSOA A CASA DA ESTACION
Avda. Ferrol

BURELA/
CS XEBRA
Leandro Curcuny

PONTE VEDRA/
LICEO MUTANTE
Rosalia de Castro

CANGAS/
A TIRADOURA
Reboredo

CASTROVERDE/
A CHAVES DAS NOCES
Sam Juliam de Pereiramá

SÁRRIA/
BURIL
Travessia da Rua Nova

O QUE FAZER?

XVIII MARCHA AO CÁRCERE DE TEIXEIRO. Com saída às 12h da gasolineira de Teixeiro a caminhata deslocará-se até as imediaçons do cárcere para denunciar as torturas. As atividades continuarám na cidade da Corunha, com umha concentraçom no Obelisco às 19h e ceador mais festa surpresa no CSO A Insumisa.
GASOLINEIRA N634 (KM63), CURTIS
SÁBADO, 27 JANEIRO ÀS 12.00h

EM DEFESA DA SANIDADE PÚBLICA. A plataforma SOS Sanidade Pública convoca umha grande mobilizaçom para defender a sanidade pública e rechaçar a nova Lei de Saúde.
ALAMEDA, COMPOSTELA
DOMINGO, 4 FEVEREIRO ÀS 12h

ECLOSOM, II CERTAME DE MÚSICAS EMERGENTES. O Pichel abriu o prazo para a apresentaçom de trabalhos musicais. Esta nova ediçom do certame, que quer visibilizar bandas com mulheres e em galego, tem como novidade umha mini-gira polos centros sociais galegos para o grupo ganhador. Podem-se consultar as bases em gentalha.org.
C.S. O PÌCHEL, COMPOSTELA
ATÉ 28 DE FEVEREIRO

isto nom é um periódico

nas tuas maos tes umha ferramenta
feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçons som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza.
por isso, está também na tua mao.

fai-no possível
em www.novas.gal/loja

equipa da revista
Caleidoscópica

sabela iglesias

“Reutilizar imagens é um processo empoderador”

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

A revista ‘Caleidoscópica’ vem de apresentar o seu terceiro número, que tem por tema principal 'Originalidade e reciclagem', onde exploram e refletem sobre a criaçom cultural da cópia e a reutilizaçom. Os seus trabalhos podem-se consultar e descarregar na página caleidoscopica.gal.

Como nasce a equipa da Caleidoscópica? O que vos levou a criar este projeto?

O trabalho da fotografia pode ser bastante individual e vimos numha revista a oportunidade de realizar trabalhos conjuntos e aprender individualmente. No início a gestom da ideia levou-nos bastante tempo, mas assim que conseguimos concretizar o processo foi todo melhor.

Cara a onde colocam o olho as caleidoscópicas para escolher as temáticas?

Vemos o que somos. Achamos que numha época com tal protagonismo da liguagem visual reflexionar arredor da própria imagem, especialmente sendo fotógrafas, era uma tarefa necessária. O primeiro número foi quase de autodefiniçom, umha chuva de ideias arredor de quem somos e onde é que estamos. O segundo, mais centrado, seguia nesta linha dumha perspetiva crítica, arredor do corpo. O terceiro, que vimos de apresentar, *Originalidade e reciclagem*, está mais centrado no próprio meio.

Caleidoscópica é umha revista em pdf. Como é trabalhar com este formato?

O formato digital nom é apenas um pdf para descarga. Nós disponibilizamos a leitura online, que simula o formato físico, com leitura em horizontal. Ademais, permite maior interatividade, com ligaçons a outros meios. Ainda, o acesso gratuito com licenças nom privativas democratiza e fai mais acessível o conteúdo, já que umha revista impressa como esta, seria muito custosa e a sua produçom também implicaria bastante esforço. Desta forma centramos toda a atividade na parte mais criativa e interessante.

Neste último número o tema é 'Originalidade e Reciclagem'. O que vos sugere?

A cultura, dum ponto de vista antropológico, baseia-se na cópia, assim aprendemos a falar, a caminhar, a relacionarmo-nos. A repetição é uma das bases da memória e da inteligência coletiva. É isso que fazemos o tempo todo: reproduzirmos ou reciclarmos significados. Num momento de saturaçom visual como o atual, repensarmos e reutilizarmos as imagens é um processo empoderador e de transfomaçom: dar novos significados. Vemos a reciclagem como umha oportunidade, e questionamos a ideia de originalidade.

No último editorial falades de 'ecologia visual', é necessário este conceito num mundo em que as imagens se multiplicam?

Este conceito está tirado do teórico catalám Joan Fontcuberta, que fala do passo da imagem como escrita à imagem como linguagem. Com a democratizaçom dos dispositivos móveis, as fotografias utilizam-se como oralidade, por exemplo, tirar um *selfie* para dizer onde estás. Falar de ecologia neste contexto tem a ver com pôr filtros, com peneiras, igual que no jornalismo; há muita informaçom, o importante é eliminar o ruido.

Foucinhas

Lara Rozados

Se foges do teu maltratador com as tuas crianças o fiscal há pedir-che cinco anos no caldeiro por sequestro (e a custódia para ele, claro); se volves soa para a casa à noite podem-che tentar violar, estrangular, e guindar a um poço, que já se encarregarám os meios de remover na tua vida e na da tua família para explicar que se estás em paradeiro desconhecido é porque queres; mas tanto tem: se o medo te paralisa, nom opôs resistência e aturas umha violaçom múltipla num portal desejando sair viva, ainda hás ter que ser socialmente violada de novo e a tua vida de pessoa normal ser investigada e questionada. Ainda haverá algum articulista que publique lixo (e o pior, haverá jornais que lho publiquem) com o titular estabelecendo a dúvida: a disjuntiva entre a “suposta” violaçom e um vídeo porno que, mulherinha, tu aos teus 18 anos e na bacanal dionisíaca que som os Sam Fermim nom sabias que querias fazer, mas no fundo querias.

E coma se che ocorre denunciar abuso ou opressom: estás-lhe arruinando a carreira a um homem! A um produtor de Hollywood, ou a quem for. Tu és a amargada, ressentida, feminazi, puta, bruxa que só buscas o mal para esse pobre homem. Última hora: leio no jornal que há umha mulher detida por defender-se dumha suposta agressom. É dizer, nom se ativa nengum protocolo nem investigaçom sobre a tentativa de abuso sexual que denuncia, mas ela é punida por se autodefender.

Nom há monstros aqui, como se tem dito do assassino de Diana Quer (sempre precisamos construir um “outro”, nom olhar para qual é a estrutura que gera que a sua mulher, também vítima, chegasse a encobri-lo): há masculinidades hegemónicas e umha sociedade que as legitima e enaltece, que castiga as mulheres que desobedecem. Achegando-se o 181 aniversário de Rosalia de Castro só podo lembrar aquele poema que falava de pegar na foucinha.